



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO-UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA-CESPD
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LINGUA PORTUGUESA E SUAS
RESPECTIVAS LITERATURAS

ITAMARA DA SILVA ALENCAR

**PRÉ-MODERNISMO SÉCULO XX: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO SOCIAL EM
RELAÇÃO A ESCRAVIDÃO NO CONTO “NEGRINHA” DE MONTEIRO LOBATO**

Presidente Dutra – MA

2020

ITAMARA DA SILVA ALENCAR

**PRÉ- MODERNISMO SÉCULO XX: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO SOCIAL
EM RELAÇÃO A ESCRAVIDÃO NO CONTO “NEGRINHA” DE MONTEIRO
LOBATO**

Trabalho apresentado a Universidade Estadual do Maranhão - UEMA como requisito para obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador: Prof^a. Marrony da Silva Alves

ALENCAR, Itamara da Silva.

Pré-modernismo século XX: análise do comportamento social em relação a escravidão no conto "Negrinha" de Monteiro Lobato / Itamara da Silva Alencar. – Presidente Dutra, MA, 2020.

55 f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Profa. Esp. Marrony da Silva Alves.

1.Pré-modernismo. 2.Negrinha. 3.Comportamento social. 4.Século XX. 5.Pós-escravidão. I.Título.

CDU: 821.134.3(81).09

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665

ITAMARA DA SILVA ALENCAR

**PRÉ-MODERNISMO SÉCULO XX: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO SOCIAL EM
RELAÇÃO A ESCRAVIDÃO NO CONTO “NEGRINHA” DE MONTEIRO LOBATO**

Trabalho apresentado a Universidade Estadual do Maranhão - UEMA como requisito para obtenção do título de licenciatura em Letras.

Aprovada em 07/11/2020

Banca Examinadora

Profa. Esp. Marrony da Silva Alves
Especialização em Gestão e Supervisão Escolar - UEMA

Profa. Esp. Francione Lima Belfort
Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Profa. Esp. Wlga Alves De Sousa
Especialização em Coordenação Pedagógica
Educação do Campo
Psicologia da Educação

Dedico esse trabalho científico a minha orientadora diretamente e indiretamente que contribuiu para execução do mesmo, dedico também a todos os professores exemplares que me ajudaram com seus exemplos de serem ótimos professores do campos CESPd, que nos recebeu e nos auxiliou na nossa caminhada estando sempre por perto durante todos os anos letivos. Ao meus amigos que sempre me incentivaram a nunca desiste e sempre persistir nos meus sonhos. A minha família que sempre segurou a barra para mim e tiveram paciência até o final.

AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus, “até aqui o Senhor me ajudou”, pela minha vida, por ter me ajudado, me dando forças todos os dias, por sempre estar por perto me fortalecendo a vencer os obstáculos encontrados ao longo do curso.

A minha mãe, Maria José Domes da Silva que sempre me incentivou, aos meus irmãos Wilson da Silva Alencar e Danielle Gomes da Silva, minha tia Ivoneide Gomes que sempre esteve por perto me incentivando nos momentos mais difíceis, compreendendo a minha ausência enquanto me dedicava aos estudos.

Aos professores, pela dedicação e paciência, pelas correções e ensinamentos que me permitiram concluir meu curso e apresentar com desempenho no meu processo de formação profissional.

E principalmente aos meus primos negros e a comunidade negra do nosso país.

A negra sorriu:

- Tá vendo?

- Tou. A gente liberta o negro.

A negra ia apanhando o tabuleiro. Henrique ajudou-a a botar as latas vazias em cima.

Ela perguntou:

- Você sabe qual é a coisa mais melhor do mundo?

- Qual é, minha tia?

- Adivinhe.

- Mulher...

- Não.

- Cachaça...

- Não.

- Feijoadada...

- Não sabe o que é? É cavalo.

Se não fosse cavalo, branco montava em negro...

Jorge Amado

RESUMO

Esta monografia buscou compreender o estudo sobre o Pré-Modernismo e a transição do modernismo no século XX, relacionado ao conto *Negrinha* (1922), de Monteiro Lobato, tratando-se do comportamento social em relação à escravidão denunciando o preconceito racial ocorrido naquela época, com intuito de mostrar a real e crua de como eram tratados os escravos livres ou cativos, e a relação da sociedade com tais ocorrências durante todo período da escravidão e durante a abolição da escravatura até a fase modernista. Monteiro Lobato foi um escritor irônico, bastante conhecido por escrever histórias para crianças, é considerado o pai da literatura Infanto Juvenil do Brasil, escreveu também contos para adultos, na maioria das vezes personagens verdadeiros. Com a elaboração da presente monografia foi possível analisar o comportamento da sociedade em relação a escravidão com base no conto *Negrinha* de Monteiro Lobato, presente na época de sua publicação (1920) durante o marco da transição do simbolismo para o pré-modernismo, mostrando como se deu preconceito racial, os abusos e os problemas sociais, onde pode-se inferir que os negros escravos ou livres não tinham direitos algum. Analisar o conto *Negrinha* de Monteiro Lobato observando aspectos sociais no texto literário Pré-Modernista, levando uma visão crítica dos comportamentos da sociedade em relação a escravidão e a problemática do preconceito racial no século XIX e XX. Este trabalho tem como tipo de pesquisa o bibliográfico onde foram recolhidos materiais com base em livros, sites, artigos, e/ou trabalhos já produzidos e publicados. Dessa forma o estudo baseou-se em renomeados autores que abordam o tema. Com intuito de compreendemos que o conto *Negrinha* denuncia os fatores sociais de cada ser livres ou escravizados antes ou depois do Pré-Modernismo.

Palavras-chave: Pré-Modernismo. *Negrinha*. Comportamento social. Século XX. Pós-escravidão

ABSTRACT

This monograph sought to understand the study of Pre-Modernism and the transition from Modernism in the 20th century, related to the short story *Negrinha* (1922) by Monteiro Lobato, dealing with social behavior in relation to slavery, denouncing the racial prejudice that occurred at that time, with in order to show the real and crude of how free or captive slaves were treated, and the relationship of society with such occurrences throughout the period of slavery and during the abolition of slavery until the modernist phase. Monteiro Lobato was an ironic writer, well known for writing stories for children, he is considered the father of Brazilian children's literature, he also wrote short stories for adults, most of the time real characters. With the elaboration of this monograph, it was possible to analyze the behavior of society in relation to slavery based on the short story *Negrinha* de Monteiro Lobato, present at the time of its publication (1920) during the landmark of the transition from symbolism to pre-modernism, showing how racial prejudice, abuses and social problems occurred, where it can be inferred that black slaves or free people had no rights at all. Analyze Monteiro Lobato's short story by observing social aspects in the Pre-Modernist literary text, taking a critical view of society's behavior in relation to slavery and the problem of racial prejudice in the 19th and 20th centuries. This work has as a type of bibliographic research where material was collected based on books, websites, articles, and / or works already produced and published. Thus, the study was based on renowned authors who approach the topic. In order to understand that the short story *Negrinha* denounces the social factors of each being free or enslaved before or after Pre-Modernism.

Keywords: Pre-Modernism. *Negrinha*. Social behavior. 20th century. Post-slavery

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 PRÉ-MODERNISMO NO BRASIL.....	12
2.1 O modernismo Como Ferramenta de Denúncia Do comportamento abusivo da Sociedade	21
3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE MONTEIRO LOBATO	26
3.1 O modo de Olhar: Narrador, focalização Narrativa E Discurso em Monteiro Lobato.....	31
4 A SITUAÇÃO DO NEGRO NOS SÉCULOS XIX E XX NOS CONTOS DE LOBATO	35
5 ANÁLISE DO CONTO.....	41
5.1 “Negrinha” como objeto de denúncia do preconceito racial e da escravidão	44
5.2 Análise do Comportamento Social em Relação a Escravidão por meio dos personagens do Conto “Negrinha” de Monteiro Lobato.....	47
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho é importante para que o leitor possa entender como se deu o preconceito racial no século XX até os dias de hoje, e o porquê da importância do Pré-modernismo no desenvolvimento do entendimento social com relação ao conto *Negrinha* de Monteiro Lobato.

No conto *Negrinha* ver-se bem esses fatores de racismo e preconceito racial como maus-tratos, fazendo dos negros objetos de torturas, “Negrinha” uma personagem escrita por Monteiro Lobato como um bicho sem dono, sem nome, sem família, sem direitos, sem nada, tornando-a totalmente sem valor. O autor não escreveu esse conto como fonte de lançar sua ironia e preconceito para os leitores, pelo contrário ele critica a sociedade em pleno século XX, com tais ideias e comportamentos injustos.

Monteiro Lobato foi um escritor irônico, bastante conhecido por escrever histórias para crianças, é considerado o pai da literatura Infanto Juvenil do Brasil, escreveu também contos para adultos, na maioria das vezes personagens verdadeiros.

O primeiro capítulo intitulado com base no pré-modernismo e modernismo no Brasil século XX, analisando cada fator social e como se deu essa transição do pré-modernismo e o modernismo e como os autores desse período se posicionaram para denunciar o comportamento abusivo da sociedade.

Segundo e terceiro capítulo menciona o autor principal Monteiro Lobato, mostrando as considerações gerais e os personagens negros nos contos de Lobato, visando o olhar crítico, focalizando a narrativa e o discurso do autor no conto *Negrinha*.

O quarto capítulo, faz-se a análise do conto, usando a personagem principal do discurso como ferramenta de denúncia do preconceito racial e social da escravidão e analisando o comportamento da sociedade brasileira. A análise desse conto é justamente mostrar que o preconceito racial, que por sua vez, ainda hoje é bem discutido que de fato não acabou. Além de ligar o pré-modernismo com o conto, percorrer os pontos-chaves dessa obra, preconceito social, racismo e exploração contra os negros no Brasil século XX.

O Pré-modernismo foi um período sincrético histórico-literário brasileiro que marca a transição entre o simbolismo e o movimento modernista. Esse período criticava e denunciava o comportamento abusivo da sociedade.

O conto *Negrinha* de Monteiro Lobato trata bem desses comportamentos sociais, onde a própria personagem (Negrinha) vivia esses fatores. Monteiro Lobato como vários autores (modernistas) começou a escrever suas obras como características de denúncia com base no que vivenciava. Podemos ver também como Monteiro destaca o negro em seus contos.

Com a elaboração da presente monografia foi possível analisar o comportamento da sociedade em relação a escravidão com base no conto *Negrinha* de Monteiro Lobato, presente na época de sua publicação (1920) durante o marco da transição do simbolismo para o pré-modernismo, mostrando como se deu preconceito racial, os abusos e os problemas sociais, onde pode-se inferir que os negros escravos ou livres não tinham direitos algum.

2 PRÉ-MODERNISMO NO BRASIL

A literatura é um fator histórico, expressão do pensamento do homem de acordo com o período histórico em que ele viveu, logo depois com o tempo a literatura muda e o pensamento do homem também, havendo várias manifestações artísticas e culturais do ser humano, assim como a dança, a música e o teatro. Surgindo assim, as escolas literárias, diferentes representações do pensamento humano em determinados contextos históricos.

Por representar a linguagem e a comunicação, os estilos literários estão sujeitos a mudanças culturais. A literatura brasileira é formada e transformada por diversas fases da sociedade. As escolas literárias aconteceram no período medieval (1189-1418), logo depois em 1418, surge o humanismo, dando ênfase ao nascimento cultural, a prosa, caracterizando a nobreza, depois o quinhentismo, que representa o descobrimento do Brasil, ele não é considerado uma escola literária em 1500, outra escola foi o classicismo, a realidade da literatura (127-1580), até então não havia escola literária brasileira, até que o barroco (1600-1768) deu as caras, mostrando o pensamento do homem barroco, em Arcadismo (1768-1836), o Romantismo (1836-1881) dando início aos poemas, as prosas melancólicas, onde mostrava os sentimentos mais fortes referentes às questões da alma, já o realismo (1881-1922) traz um novo pensamento, mostrando a realidade, uma análise mais psicológica do homem, o Naturalismo e o Parnasianismo e o Simbolismo, ocorreram no mesmo período que o realismo, um ocorre logo após o outro. O pré-modernismo que não foi uma escola literária, mais sim uma transição para o modernismo, logo depois surge o modernismo (1922-1945), a qual é o objeto de estudo, e depois desse processo de 1945 vem a Contemporaneidade.

O movimento Pré-modernismo não foi exatamente um movimento e nem mesmo considerado uma escola literária, mas uma fase de transição, que se iniciou no Brasil no fim do século XIX ao século XX. Durou 20 anos (1902-1922) até a Semana de Arte Moderna, que se encarregou de mudar as ideias na literatura brasileira. Essa transição, portanto é uma mistura entre tradicionais e inovadores. Assim exposto:

A eleição cada vez mais consensual do termo Pré-modernismo revela a maior aceitação da primeira hipótese. Via de regra, os historiadores da literatura, responsáveis por seus rótulos, preferem caracterizar um período de transição como aquele no qual as

tendências passadas mal resistem ao sopro da renovação (BASTOS, Alcmeno Apud FONSECA, 2014, p. 16).

Nesse contexto, essas tendências de inovações que o Pré-modernismo trouxe, retratam a temática das obras da época, trazendo, de um lado, um cenário de riquezas, representada pelos “senhores burgueses”, e do outro a pobreza evidenciada pela condição dos negros com dificuldades sociais ecoando assim a desigualdade de perspectivas das pequenas zonas ricas. Os autores faziam críticas em relação à classe burguesa e a classe inferior. De acordo com Candido:

Portanto, o que aqui predominou e deu a tônica foi uma literatura de senhores, que transpôs o requinte da literatura metropolitana e nem sempre foi capaz de sentir a complexidade da sociedade nova. Mas é preciso não encará-la com espírito de compêndio ou manual, isto é, como se as listas de nomes, obras e temas, postos em sucessão no espaço da página, significassem a existência de uma verdadeira vida literária, que só ocorrerá a partir do século XVIII, quando se esboça uma “República das Letras” (CANDIDO, 1999, p. 20).

Candido (1999), mostra o início da literatura brasileira, onde a muito tempo já existia a predominância da elite na literatura, no qual os olhares de uma nova sociedade estava distante. A literatura brasileira só deu início quando a predomina da Europa, o modernismo, começou a se instalar no Brasil, onde a linguagem e o estilo de escrita começaram a se originar do português brasileiro da época, mais carregando traços estrangeiro. A esse respeito Candido expôs que:

A partir dessa diferença de ritmos de vida e de modalidades culturais formou-se a sociedade brasileira, que viveu desde cedo a difícil situação de contato entre formas primitivas e formas avançadas, vida rude e vida requintada. Assim, a literatura não “nasceu” aqui: veio pronta de fora para transformar-se à medida que se formava uma sociedade nova. (CANDIDO, 1999, p. 12).

Já no século XIX para o século XX, os autores que se destacaram nesse período foram de suma importância para a transição de um novo cenário literário mais moderno. Dentre eles destacam-se Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Simão Lopes Neto, Lima Barreto, Augustos dos Anjos e Graça Aranha, por todos descreverem em suas obras e poemas personagens que deixam de lado idealizações românticas, e passam a enfatizar a realidade do brasileiro, trazendo à tona a verdadeira realidade literária do Brasil.

A esse respeito, Bosi (2015, **PÁGINA**), afirma “que se pode chamar pré-modernista (no sentido forte de premonição dos temas vivos em 22) tudo o que, nas

primeiras décadas do século, problematizma a nossa sociedade e cultural”. Com isso, percebe-se então, que os autores pré-modernistas relatam e descrevem por meio de protestos a realidade dos brasileiros com a discriminação e desvalorização social da época.

Um período histórico marcando a Semana de Arte Moderna, trouxe uma literatura social. Podemos notar que os autores dessa fase têm um olhar para a realidade brasileira, trazendo à tona todos os aspectos marginalizados e largados pela literatura oficial. Os escritores Pré-modernistas, rompem com a linguagem formal do Arcadismo e exploram temas, como história, política e economia naquele momento.

O pré-modernismo foi um período de grandes revelações e mudanças, do qual fez com que vários autores comesçassem a ver e registrar momentos marcantes na época, mostrando assim as dificuldades, realidades e lutas que surgiam nesse período. Diante disso:

Oswald de Andrade é um dos porta-vozes desse grupo de gente nova que quer acabar com as nossas tradições artísticas, medíocres e estrangeiradas, para adaptar à arte nacional, por meio de fórmulas novas e audaciosas, tudo o que o Brasil possui de belo e forte, original e nobre. É tempo de olharmos a nossa natureza e aproveitarmos o tesouro que nos oferecem nossas camadas populares (ANDRADE, apud. CANDIDO, 2015, p. 341)

Portanto, uma nova literatura com características Nacional e original, autores que mostrou bem os aspectos da cultura regional brasileira. O pré-modernismo surgiu em um período que manteve a mentalidade do final do século XIX, pós-republica, positiva e liberal, um quadro político onde põe em risco o poder das Oligarquias civis, originário do setor rural. Esse período não deve ser considerado como escola literária, mas sim, como uma preparação para o modernismo. Muito antes das escolas literárias aparecerem, a literatura dos “senhores” era a que mantinha a coleção de obras literária brasileira, uma cultura ainda influenciada pelos portugueses, mais que tomou vida e daí deu o começo os novos trabalhos. Sendo assim:

Essa literatura culta de senhores foi a matriz da literatura brasileira erudita. A partir dela formaram-se aos poucos a divergência, o inconformismo, a contestação, assim como as tentativas de modificar as formas expressivas. A própria literatura popular sofreu a influência absorvente das classes dominantes e sua ideologia. (CANDIDO, 1999, p. 13).

Portanto, tendo consciência das influências e mudanças na literatura brasileira durante todos esses anos, tem-se com toda essa difícil mudança, o

Sincretismo estético: presença de características neorrealistas, neoparnasianistas e neosimbolistas. Nesse momento, os escritores assumem uma posição mais crítica em relação à sociedade e aos modelos literários anteriores.

Os sopros pré-modernos aos poucos começaram a aparecer na Europa desde o anúncio da primeira Guerra mundial. Um período que se moveu com muitos conflitos a sua volta, trabalho escravo, a chegada dos imigrantes, principalmente os italianos, que vieram ao Brasil para trabalhar na economia única do país que foi o café. Nesse período, o Brasil passa por um processo complicado, como a República do café com leite e inúmeras revoltas.

O Modernismo não foi apenas um movimento literário, mas, como tinha sido o Romantismo, um movimento cultural e social de âmbito bastante largo, que promoveu a reavaliação da cultura brasileira, inclusive porque coincidiu com outros fatos importantes no terreno político e artístico, dando a impressão de que na altura do Centenário da Independência (1922) o Brasil efetuava uma revisão de si mesmo e abria novas perspectivas, depois das transformações mundiais da Guerra de 1914-1918, que aceleraram o processo de industrialização e abriram um breve período de prosperidade para o nosso principal produto de exportação, o café. (CANDIDO, 1999, p. 68).

O Brasil como alguns outros países Europeus passa por mudanças, com a urbanização de São Paulo fazendo surgir uma nova classe social: a operária, fazendo com os que ex-escravos sejam marginalizados nos centros urbanos. A urbanização e a imigração foram decorrentes do crescimento industrial, trazendo o cenário ideológico que trazia conflitos com o tradicionalismo agrário, onde anunciam a virada do século XIX para o século da modernização (século XX).

São considerados pré-modernistas alguns escritores cujas obras destoam das produções literárias do início do século, visto que refletiam uma mentalidade artística ainda ligada ao século XIX, na qual os rumores do Realismo-Naturalismo na prosa e do Parnasianismo-Simbolismo na poesia não contribuíam para as criações significativas.

Na Poesia, o principal representante do Pré-modernismo no Brasil é Augusto dos Anjos, com poemas que desafiam a classificação rígida inserida no contexto cultural características modernas. Muitos foram os grandes autores que escreveram sobre todo aspectos da sociedade brasileira. Embora de menor importância literária, Graça Aranha desempenhou importante papel como intelectual do movimento modernista, tendo participado ativamente da Semana de Arte Moderna. Assim exposto:

O modernismo no Brasil, passando o período de choque, que começou na famosa Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, prolongando-se por vários anos afora, tendo como principais marcos a conferência de Graça Aranha, na Academia, em 1924, e a visita a esta capital de F. T. Marinetti, já entrou num período firme de construção. Hoje não provoca nem produz mais escândalo. A sensibilidade e a inteligência já se adaptaram às suas expressões e o modernismo não está apenas nesta pintura, nesta música, nesta arquitetura, nesta escultura, nesta poesia que aqui se apresenta. Está em toda parte; nos edifícios de cimento armado, nas casas modernas, que se espalham pela cidade, na arte decorativa, na moda feminina, na civilização veloz da máquina, e, mesmo nos centros mais reacionários – na Escola de Belas Artes, que já incluiu os modernistas no Salão de 1931, na Academia de Letras, que engoliu um dos nossos mais vibrantes companheiros, modernista de primeira hora. (ALMEIDA. Renato, Apud Cardoso, 2015, p. 352).

Com abordagem e estilos próprios, específicos, tais prosadores se aproximaram por anunciarem a grande temática que ocupou a primeira geração modernista: a redescoberta dos valores brasileiros, expressa por um nacionalismo que muitas vezes retoma a vertente regionalista da literatura brasileira de modo crítico, polêmico, problematizador. Muitos pesquisadores como Afrânio Peixoto e Cardido mencionaram um estilo regionalista em suas obras, mostrando os aspectos dos trabalhadores rurais da época.

Para Afrânio Peixoto (1876-1947), estudioso de vários temas, até mesmo regionalista, que encarou os aspectos mundanos da literatura, com base na Academia Brasileira de Letras, na qual ajudou na publicação de textos originais, mencionou o regionalismo em sua escrita, onde foi de um lado fácil e de outro muito difícil e polemico, assim sendo:

Baseado na descrição de áreas rurais pouco desenvolvidas, o regionalismo teve aspectos positivos, como destacar as culturas locais, com seus costumes e linguagem. Mas teve aspectos negativos, quando viu no homem do campo um modelo meio caricatural que o homem da cidade se felicitava por haver superado, e lhe aparecia agora como algo exótico, servindo para provar a sua própria superioridade e lhe dar um bem-estar feito de complacência (CANDIDO, 1999, p. 67).

Essa questão tão atual que é o regionalismo teve um processo importante para a sociedade na época com uma grande repercussão, se perdurou até nos dias de hoje, agora com mais clareza quanto antes. Dentre os escritores regionalistas que souberam manter tanto a dignidade do tema quanto a excelência do tratamento literário a crítica reconhece hoje que o mais original e o mais realizado deles foi Simões Lopes Neto (1865-1916), ele traz uma prosa usando uma linguagem popular regional, usando um personagem fixo. Outro escritor totalmente regionalista, dono de terras e

fazendeiro, que na maioria de suas obras está o homem do canto, como por exemplo, a obra “Zeca tatu” personagem rural, com uma linguagem popular, parcialmente regionalista é Monteiro Lobato (1882-1948) e suas produções. Ele era inquieto, de personalidade poderosa, que misturava o senso moderno dos problemas a um naturalismo já superado, em contos ordenados em torno da anedota-chave:

Monteiro Lobato concebeu um tipo materialmente original de livro, barato e elegante, destinado a publicar autores brasileiros contemporâneos. A tentativa acabou alguns anos depois no malogro econômico, mas a editora que fundou tornou-se, noutras mãos, uma das mais importantes do Brasil.(CANDIDO, 1999, p. 67).

A maneira agressiva e irreverente de questionar a classe burguesa, ridicularizando-a, é sintomática de um momento histórico-cultural dos mais importantes do século, que deu origem a convenção artística totalmente diferente das tradicionais, fundando outra concepção de arte, denominada Arte Moderna.

Assim, com várias mudanças nas relações sociais do Brasil, na arte, na literatura e politicamente pensando, na economia brasileira, fala-se de um grande avanço desde a chegada da Semana de arte Moderna. Assim exposto, o escritor Fernando Callage, cogita em dizer sobre um novo olhar, “uma nova possibilidade Brasileira”:

Se politicamente já tínhamos avançado alguma coisa em 1822, só em 1922, um século depois, com a chamada revolução da arte moderna no municipal de S. Paulo, e posteriormente com o “verde-amarelismo” e a revolução da Anta, criávamos de fato, uma independência espiritual (CALLAGE, Fernando. Apud CARDOSO, 2015, p. 356).

Com isso, muitos foram os questionamentos sobre esse novo posicionamento marcante no Brasil e na Europa, mostrando os desafios sociais não só na literatura mais também na arte. Dito isso:

E porque se questiona a Semana de Arte Moderna enquanto marco inicial do Modernismo brasileiro, conforme infere Sodré: “A Semana tem sido superestimada, [...] pois sua importância, meramente episódica, embora característica sob muitos aspectos do verdadeiro caráter do movimento, foi muito menos do que pretendem fazer crer alguns de seus participantes e alguns de seus cronistas” (SODRÉ, 1995, p. 525). Dessa forma, muitas são as tentativas de estabelecer um recorte temporal, bem como de atribuir um sentido ao termo. (ARAUJO, 2012, p. 118).

Esses movimentos estéticos gerados das transformações radicais da tradição artística, isto é, das concepções de arte que penduraram até o final do século

XIX, chamados de movimentos vanguarda europeia, já que nasceram e se desenvolveram em vários países da Europa.

O acesso dos modernistas às frentes de vanguardas europeias por força de sua proximidade social junto aos círculos intelectualizados da oligarquia foi, paradoxalmente, a condição que lhes permitiu assumir o papel de inovadores culturais e estéticos no campo literário local, tomando a dianteira (MICELI, 1979, p. 15) (MICELI, Apud. NASCIMENTO, 2015, p.383);

A palavra vanguarda foi primeiramente aplicadas para o destacamento que exerce a frente da tropa. Em termos artísticos, essa palavra também é empregada para designar aqueles que anunciam o futuro, os novos tempos. Tornando-se disputada por vários escritores brasileiros. Sendo assim exposto, entende-se que “ao contrário, a arte moderna entra num período em que se torna propriedade de muitos, e não feudo de um ou de outro, com uma inclinação marcada em favor do engajamento social e político” (CARDOSO, 2015, p. 364).

As vanguardas europeias são os movimentos que procuraram relatar o estado que desencadeou tantas mudanças, tantas vitórias e derrotas vividas na Era da Máquina. Se, por um lado, ver-se a velocidade, o progresso da rapidez técnico-científica, por outro, assimila-se a ausência de valores humanos, como os proporcionados pela religião e pela própria ciência, que são questionadas em sua competência de gerar a felicidade e a justiça sociais. Assim exposto:

Sem perspectiva utópica, o movimento de vanguarda perde o seu sentido. Nessa acepção, a poesia viável do presente é uma poesia de pós-vanguarda, não porque seja pós-moderna ou anti-moderna, mas porque é pós-utópica. Ao projeto totalizador de vanguarda, que, no limite, só a utopia redentora pode sustentar, sucede a pluralização das poéticas possíveis. Ao princípio-esperança, voltado para o futuro, sucede o princípio-realidade, fundamente ancorado no presente. (CAMPOS, Apud. BUENOS, 2004, p. 88).

Iniciados nos territórios das artes plásticas, os movimentos de vanguarda rapidamente se estende em direção às outras manifestações artísticas, protegendo a origem de sua linguagem, a integração entre a música, a cultura, a literatura, a arquitetura e o cinema sendo assim alvo de críticas.

Também reuniu vários artistas de diferentes estilos na área artística brasileira, dando o início a modernização e valorização da cultura nacional, rompendo com todas as ligações com a colonização. Oliveira fala sobre o movimento vanguarda que reuniu artistas de varias areas da cultra brasileira:

Marco inicial do movimento reuniu artistas das mais diferentes áreas com o propósito de modernizar a cultura brasileira. Os desdobramentos da Semana de 22 deram origem a sucessivos movimentos pela liberdade de criação e pela valorização de elementos da cultura nacional. Estes resultaram no rompimento com o poder erudito tradicional, imposto durante a colonização, ou, segundo Anderson Silva (2009), na criação de uma “consciência nacional antilusitana. (OLIVEIRA, 2012, p. 90).

A movimentação vanguarda provocou revoluções únicas no cenário artístico mundial, dando início a Modernidade, destacando-se o Cubismo, o Futurismo e o Surrealismo.

Com todas as revoltas, conflitos e mudanças durante a semana de Arte Moderna, Vanguarda e modernismo, a preparação a realização e a percussão da Semana de 22, ano do Centenário da independência e da criação do Partido Comunista Brasileiro, marca a entrada do Modernismo artístico e literário no país em um momento histórico dos mais controvertidos e dos mais ricos que o Brasil já teve. Assim podemos ver que a vanguarda europeia que também marcou a história brasileira, deixou grandes mudanças tanto no econômico, político, social e literário. Nesse sentido Candido no seu artigo afirma que:

No processo que acompanhamos até aqui, a busca da expressão literária característica teve sempre como pedra de toque a tendência, primeiro inconsciente, depois consciente, de exprimir a realidade local. É a perspectiva que se definiu no século XIX como nacionalista e que os modernistas refundiram, atualizando-a conforme inspirações de vanguarda (CANDIDO, 1999, p. 96).

No Brasil, o tradicionalismo a ser superado relaciona-se intimamente com a prática da importação dos modelos artísticos europeus e com o academicismo cosmopolita dela decorrente. A primeira geração do modernismo brasileiro iniciou-se em 1922, com a Semana de Arte Moderna, e se prolonga até 1930, dando início a segunda fase.

Nem mesmo para o mais otimista dos romancistas de 30 o tempo da utopia pode ser visível como fora para os modernistas, que o vislumbram a partir de um presente no qual conseguem identificar os prenúncios desse futuro ao mesmo tempo utópico e palpável. Com os pés fincados num presente que só faz poder prever o pior – inclusive a Guerra, da qual se falava desde a primeira metade da década – parece que até mesmo o militante tem que se conformar a adiar seu sonho para um futuro indeterminado (BUENO, 2004, p. 90).

Diante disso, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e os demais representantes da primeira geração modernista brasileira propuseram uma literatura

capaz de conciliar as influências das vanguardas europeias com um novo nacionalismo, que se confunde com o nacionalismo romântico, ufanista e patriótico, assume um tom polêmico e paródico, satirizando o próprio nacionalismo romântico e “relendo” criticamente as etapas do processo de colonização-importação de valores europeus.

Mário e Oswald de Andrade representam a ala inovadora e combativa do Modernismo, localizada sobretudo em São Paulo. Junto deles atuaram diversos escritores que contribuíram para a propaganda e a implantação do movimento, mas que, vistos de hoje, parecem autores de compromisso, como é o caso de Guilherme de Almeida (1890-1969), grande malabarista do verso, que veio do intimismo sentimental, passou pelos aspectos exteriores do Modernismo e terminou na poesia mundana e arcaizante (CANDIDO, 1999, p. 74).

Os escritores da segunda geração, fazendo uma ponte com os da primeira geração, inseriram as reivindicações e conquistas destes no panorama literário geral, agora mais amadurecido. Simultaneamente, conciliam elementos da tradição com os novos tempos, tais como os gêneros literários (lírico, épico, dramático), as formas poéticas fixas, como o soneto, também os estilos tradicionais voltam a aparecer: Neo-Romantismo, Neo-Simbolismo, Neo-Parnasianismo. Quanto à prosa surge o Neo-Realismo nordestino, que dá nova dimensão ao estilo realista, romance regionalista brasileiro. Corroborando com o exposto, o artigo de Araújo, mostra como se marcou o início do século XX:

Abrigando sob esse rótulo a produção literária dos “neos”, que marcou o início do século XX: neoparnasianismo e neossimbolismo, na poesia; neorealismo e neonaturalismo, na prosa de ficção. Sob essa acepção, consideram-se “muitos remanescentes da cultura realista- parnasiana” (Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Xavier Marques e Raul Leoni), ou seja, o período “intervalar” entre o fim do Simbolismo e o início do Modernismo foi marcado por autores incapazes de mover as águas estagnadas de uma cultura oficial da Primeira República (BOSI, apud, Araújo, p. 120).

Outro traço importante da geração de 39, na poesia e na prosa, é a mudança de enfoque quanto à nacionalista de 22. A consciência da nacionalidade que predominou na década de 1920, a partir de 1930 tende a ampliar-se a tornar-se consciência social mais ampla, que situa as questões regionais e locais num contexto universal. Logo, “se os anos de 1920 foram de luta modernista, os de 1930 e 1940 foram de modernização geral, em sentido lato, desde as ciências até às artes, passando pelo ensino, a edição, a crítica e a produção literária”. (CANDIDO, 1999, p. 79).

Já a terceira geração teve um marco importante para a história brasileira, com a deposição de Getúlio Vargas, e assim o início de um novo período político-social no país do qual trata-se de uma era “democratização”, que se estende até 1964, quando ocorre o Golpe Militar.

A geração de 45 é passadista, acadêmica, inexpressiva em termos de grandes autores e excelentes obras, mesmo abordando temas contemporâneos, introduziu, muito positivamente, uma nova cultura internacional nas letras brasileiras.

Costuma-se ver no ano de 1945 o começo de uma nova fase, que coincide com o fim da Segunda Guerra Mundial e, simbolicamente, a morte de Mário de Andrade. Manifesta-se então uma geração nova, na prosa narrativa, na poesia, na crítica (CANDIDO, 1999, p. 89).

Com o exposto entende-se, portanto, que a literatura brasileira passou por várias mudanças durante os anos, assim também aconteceu com o pré-modernismo e o modernismo, que saiu do domínio da Europa e junto com os escritores constituíram um “novo mundo”. Os autores brasileiros passaram a aderir a uma narrativa popular, mostrando em suas obras a realidade brasileira, mistura de raças, culturas, religião, questões sociais, política, economia brasileira, povos estrangeiros, conflitos para uma nova sociedade, expressão de liberdade, direitos igualitários, tudo isso contribuiu para uma nova jornada brasileira, e conseqüentemente para um país mais moderno.

2.1 O modernismo Como Ferramenta de Denúncia Do comportamento abusivo da Sociedade

A literatura é uma forma de expressar-se. O pré-modernismo ajudou muito para a transição do modernismo, muitas foram as modificações durante esse período, as tecnologias avançaram bastante, a economia própria do país evoluiu aos poucos, os direitos trabalhistas, direito de voto, direitos de se expressar, direitos que as mulheres começaram a ganhar, direitos que a comunidade negra conquistou durante os anos, conquistas essas que passaram por grandes dificuldades até se consolidarem visto que a sociedade brasileira não queria enxergar, mais foi forçada.

Muitos são os teóricos, estudiosos e escritores que denunciaram o comportamento abusivo da sociedade brasileira. Como exemplo apresenta-se Monteiro Lobato como um grande precursor brasileiro desses movimentos. Por meio

das suas obras e artigos denunciava a desigualdade perante a vida social e rural e principalmente os negros na sociedade em pleno século XX. Sabendo isso, Gomes fala sobre o sentido de ocupar um corpo:

As vantagens de ocupar-se do corpo, fazendo ouvidos moucos às preferências de aproximações disciplinares particulares, provêm de concebê-lo desde sua característica mais inquestionável: ser a essência que organiza a vida em si – o individual e a social – e o expoente de características que o fazem objeto de determinadas atenções e lhe aplicam valores particulares, tanto para a vida individual como para a social e a cultural, em torno de fatos como o nascimento, o crescimento, a alimentação, as práticas sexuais, a reprodução, a doença, a raça, a dor, as emoções, o movimento, o trabalho, a aprendizagem, o vestuário ou a morte, enfim, tudo o que compõe a vida das pessoas, o desenvolvimento das sociedades e o ordenamento cultural. Apreciar o corpo por meio das acepções histórico-antropológicas de suas propriedades e necessidades atende, de maneira mais cabal, aos fatos em torno dos quais está construída a vida humana, organiza-se a sociedade e se produz sentido (GÓMEZ. Apud. Silva, Moro, Marcondes. ,p. 5).

Não existem sociedades sem mudanças, o que ocorre é que muitas vezes não se percebe as alterações, mas elas acontecem a todo o momento, em toda parte. Há transformações maiores, que atingem toda a humanidade, e menores que acontecem no cotidiano das pessoas. Existem transformações mais evidentes como as relacionadas às revoluções políticas e sociais nos séculos XVIII, XIX e no século XX onde repercutiram em todo o mundo.

A mudança social ocorreria quando os indivíduos e os grupos, isto é a sociedade, deixasse as características tradicionais e passasse a internalizar as modernas. Assim, desde que os valores tradicionais fossem superados, ocorreria à evolução social modernizante, mais não foi bem assim, houve muita luta para que essa mudança ocorresse:

Era uma literatura compatível com o modelo cultural oficial, importador e consumidor voraz dos produtos da cultura europeia e, por isso alheia à diversidade cultural do país e, sobretudo, à cultura popular que “tinha muito a ver com a população ex- escrava, com a população negra, com a população marginal (CARVALHO. Apud. Araujo, p.120)

Quando se fala de mudanças sociais no Brasil, um termo comumente empregado é modernização. Esse uso é antigo, porque se considerava que a sociedade brasileira era de tal forma tradicional que precisava se modernizar para chegar a algum lugar. Para essas mudanças sócias ocorrerem foram necessárias inúmeras revoltas.

Em Vidas Secas de Graciliano Ramos (1892-1953), mostra a dificuldade

de uma família que vive no campo e sai durante a seca a procura de um lugar para viver. É um fato regional e social, mostrando a realidade e dificuldade de pessoas que vivi no nordeste e não tem muita sorte na vida, passando de um lugar para o outro a procura de um lugar para trabalhar e não deixa a família morrer de fome e cede, tudo que Fabiano queria era ser “vaqueiro”, “ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo” (RAMOS, 1948, p. 16).

A seca não dava tregua, rios secos, sol escaldante, animais mortos, pouca sombra, urubus famintos a procura da próxima vítima, sem muita comida e possibilidades de emprego, essa era a visão da morte certa. Fabiano o chefe da família pai de dois meninos, esposa sempre do seu lado, sinha Vitória, um papagaio que tão pouco virou alimento e a cachorrinha Baleia, a fiel escudeira. Vidas secas, nos revela que não é só a seca que castigava os nordestinos e sim o descaso social, as injustiças e desigualdades. Graciliano Ramos em sua narrativa, manifesta um desejo muito grande nos personagens, Volaco:

E ele não aparece somente na relação pais-filhos e vice-versa, mas entre homem e mulher também, pois, como interpretar o desejo de uma cama melhor, sem o nó do meio, com esse “calombo grosso de madeira” (p. 45) senão que é ele que separa o casal no momento em que precisariam de um mínimo de conforto para se dedicar ao ato de amor? Falamos antes em armadilhas de Vidas Secas e essa, a da ausência de amor, é mais uma delas (VOLACO, 2010, p.79).

Não tão distante da realidade, vidas secas representa boa parte da vidas dos brasileiros, onde a luta por condições melhores não é fácil. Outra obra bem vivente e a cara nordestina brasileiro, é “morte e vida severina” do artista e escritor João Cabral de Melo Neto (1920-1999), o autor não sabia que seria tão famosa sua narrativa e veriam tantas vertentes principalmente sociais:

Quando escrevi Morte e vida severina, tinha a impressão de que seria uma coisa tão popular quanto os romances do Nordeste, os romances de cordel. Quando o livro saiu, vi que quem me elogiava eram os intelectuais. Eu lembro do entusiasmo de Vinicius de Moraes. Eu disse: “Vinicius, não escrevi para você! Para você, escrevi outras coisas!”. Eu tinha a impressão de que estava escrevendo aquele poema para o povo. Quase me danei...(MELO NETO, 2016, p.17).

Um diálogo entre dois coveiros, tendo um tom de sarcasmo, os dois discutam sobre os caixões dos mortos, o autor nordestino, transformou em poesia as condições dos retirantes, sua morte social e miserável. Mostra como é a trajetória

de um caipira do nordeste a procura de uma vida melhor nas capitais, Severino encontra pelo caminho outros retirantes, como ele, e é nessas andadas dele pelo mundo e o nordeste brasileiro que ele percebe que o que rodeia o sertão o que o que faz ser o que é, é justamente a morte, os coveiros, as benzendeiras e os farmaceuticos, portanto:

Os coveiros equiparam as alas dos ricos a bairros de belas avenidas, pois nem sequer a morte elimina a ocupação seletiva do (sub)solo; ao contrário, ela duplica, mesmo sob sete palmos, as barreiras sociais erguidas acima da terra (MELO NETO, 2016, p.13).

Augusto dos Anjos, o terceiro autor estudado, se destacou no século XX, poeta, escritor, cientista, ótimo com as palavras, amante das artes contribuiu bastante na literatura brasileira. Viveu na época dos conflitos, da era das marquins, o avanço tecnologico, as mudanças da economia, dos transportes e a vitoria do capitalismo em meio a produção. “Augusto sentiu na pele a falência, o coronelismo, a decadência do nordeste, região na qual nasceu e viveu até os vinte seis anos de idade” (SILVA, 2010, p.41), escreveu varios poemas, inclusive o livro *EU*.

Filosofico Augusto dos Anjos, participou e esteve dentro do modernismo, também teve participação no simbolismo e regionalismo, no qual se destacou bastante em mencionar no seus poemas a realidade dos nordestinos e até mesmo de sua cidade natal, Espírito Santo na Paraíba, na qual destinava maioria dos seus poemas:

Augusto dos Anjos particularmente utilizava o vocabulário científico para demonstrar a miséria humana, 77 a realidade da época, o sublime e o banal, o consciente, a reprodução humana e muitos outros assuntos e via-se que a literatura demasiada de Haeckel e Spencer deixara-lhe um sulco profundo na inteligência (SILVA, 2010, p. 44).

A violência cometida contra os negros, onde o racismo e o desrespeito ainda os perseguem, as suas raízes e histórias para muitos é considerados com um peso que a sociedade brasileira carrega desde muito tempo, até o fim da escravidão:

O mesmo ocorre com a população africana retirada à força de seu lugar de origem e submetida aos mais cruéis tratamentos. Esse processo inicia-se ainda em solo africano quando milhões de pessoas foram caçadas, aprisionadas e transportadas nos navios denominados tumbeiros². A cruel travessia exigia daqueles que conseguissem chegar de um período de quarentena melhorar a aparência, antes de serem expostos e vendidos nos mercados para executarem trabalhos forçados nas lavouras (ALMEIDA, 2010, p.90)

Os negros, seja ele, “pardo” ou “mestiço”, faz parte da cultura afrodescendentes do Brasil, com muita luta eles conseguiram espaço na sociedade brasileira. Porém, esses desafios de lutas, maus-tratos, violência e preconceitos os perseguiram por muitos anos. Mesmo com todas as conquistas que os negros conseguiram durante os anos passados, eles ainda tentam viver sem medo na sociedade, pois a discriminação e o preconceito racial ainda os assustam, privando e os proibindo de muitas coisas:

Nos anos finais do período escravista, além de outras restrições, os ex-escravizados vivenciaram também a concorrência com o trabalhador estrangeiro e o aumento de interdições determinadas pelas posturas municipais em todo o país, tais como: a perseguição aos capoeiras e a proibição da prática da religião africana (ALMEIDA, 2010, p.90).

O preconceito para muitos é uma bobagem onde a comunidade negra fica se fazendo de vítima, isso se chama intolerância racial, o negro tem um potencial maior de doenças, de abortos, de vagas em empregos domésticos com potencial de renda baixa por causa da cor e gênero, isso quando o negro tem dificuldades para ingressar em uma universidade. 2020 foi o ano em que houve várias manifestações para mostrar o quanto o negro sofre na sociedade atual, pessoas brancas com medo de pessoas negras, os negros vistos pela sociedade como “marginais”, e “nesse contexto de sociedade livre, alguns estereótipos vão se consolidar no imaginário: o ex-escravizado passou a ser o negro; o antes trabalhador passou a ser o ocioso, o violento, o marginalizado” (ALMEIDA, 2010, p.92).

Entende-se que o ser humano rege de uma sociedade com direitos e deveres, na maioria das vezes sem aparatos para grande parte da população de uma comunidade, assim começa os casos de violência social, os considerados “excluídos”, “marginais” da sociedade. É uma demanda muito grande de denúncias social contemporânea, onde a sociedade diz ser algo e não é, apenas crítica e criminalizar.

3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE MONTEIRO LOBATO

José Bento Monteiro Lobato, Natural de Taubaté, interior de São Paulo, nascido em 1882. Formou-se advogado trabalhando na promotoria pública em Areias, na região do vale do Paraíba paulista. Em 1911 herda uma fazenda do avô, passando a dedicar-se à agricultura, mais não se afastou da literatura. Homem inteligente e astuto percebeu os problemas do agricultor, tais como queimadas prejudiciais à saúde da terra, realizadas, em ignorância, pelo próprio homem da terra. A falta de saúde deste — subnutrição, ligada à parca higiene e cuidados básicos — serão percebidas pelo escritor que as denunciará através da famosa personagem Jeca Tatu, no livro *Urupês* (1918). Outros contos importantes, para a “literatura adulta” foram *Negrinha* (1922), *Cidades mortas* (1919). Onde Fonseca cita:

Monteiro Lobato entra aqui não como o Monteiro do sítio do pica-pau amarelo, mas com o que é chamado de “literatura adulta”; com seus livros de contos. São três fundamentais: *Cidades mortas*, *Negrinha* e *Urupês*. Nessas obras, Monteiro Lobato foca nas situações das cidades pequenas do interior São Paulo, do caboclo, do caipira que vive naquela região. Regiões extremamente ricas na época do café, porém com um povo que vive em situação de miséria pobreza e abandono, ele cria o personagem jeca tatú- famoso no Brasil inteiro - símbolo de homem pobre, miserável, que não tem acesso à educação e à saúde (FONSECA, 2014, p. 6).

Urupê é o nome dado a um fungo parasita, também conhecido como orelha-de-pau, que se alimenta da seiva dos troncos das árvores. Foi o nome dado como referência ao personagem protagonista de seu primeiro livro: *Zeca Tatu*, imagem caipira que vive na cidade grande, sempre “de cócoras” e regido.

Coletânea de trabalhos publicados anteriormente em jornais e revistas, *Urupês* reúne vários contos que narra histórias caipiras dramáticas ou engraçadas. Percebendo o anúncio da modernidade, ignorando ou idealizado pela literatura dominante, registrando um cenário regional. Outras obras escritor em literatura infantil foram: *Reinações de Narizinho*, *Viagem ao Céu*, *História do mundo para crianças*, *As caçadas de Pedrinho*, *Memórias da Emília*, *O Poço do Visconde*, *Serões de Dona Benta*, *O Picapau Amarelo*... Em literatura adulta, foram: *Cidades Mortas*, *Idéias de Jeca Tatu*, *Negrinha*, *A onda vende*, *O choque das roças* ou *O presidente negro*, *O escândalo do Petróleo*. Assim exposto:

Parcialmente regionalista é a obra de Monteiro Lobato (1882-1948), escritor inquieto e personalidade poderosa, que misturava o senso moderno dos problemas a um naturalismo já superado, em contos ordenados em torno da anedota-chave. Mas sua maior contribuição literária foram os livros infantis, de uma invenção original e moderna, escritos em linguagem de mais encantadora vivacidade. No começo da carreira fracassou como proprietário rural, e isso talvez haja contribuído para o desprezo amargo com que tratou o homem do campo em vários contos e artigos. (CANDIDO, 1999, p. 67).

Funda a Editora Monteiro Lobato & Cia, a primeira editora nacional. Mais tarde fundaria a Companhia Editora Nacional e a Editora Brasiliense. Empresário e escritor, a princípio amargou a chegada do Modernismo não entendendo bem a proposta esteticamente revolucionária. Cansado de não ser ouvido e considerado pelo adulto, passa a dedicar-se à literatura infantil, respeitando a criança em sua inteligência e capacidade de entender e modificar o mundo. Assim exposto, os bolsistas da CAPE na realização de sua pesquisa diz sobre:

Posteriormente foi um dos proprietários da Editora Companhia Nacional, sendo que passou a viabilizar a publicação de obras de inúmeros autores, algo até então muito difícil, pois a maioria dos materiais eram editados na Europa, sobretudo nas cidades de Paris e de Lisboa. Em razão da sua atuação literária, pode-se dizer que ML foi um dos mais expressivos contistas e ensaístas do Brasil. Além disso, também foi tradutor (SILVA; MORO; MARCONDES, 2008, p. 02).

Monteiro Lobato (1882-1948), foi um grande escritor desse período pré-modernista, que por sua vez, dedicou a vida pelo ideal de colocar o país no caminho da modernidade. Sempre usou de uma linguagem irônica e criticou muito o tratamento social contra o negro. Muitos críticos acreditavam que Monteiro Lobato era um Homem extremamente racista e preconceituoso por ele sempre mostrar a realidade do negro pós-abolição da escravatura no Brasil (1888). Monteiro Lobato recebia várias críticas por causa de seu jeito irônico e arrogante, escrevia na maioria das vezes histórias reais com personagens verídicos. Como citado:

Homem de múltiplas facetas, José Bento Monteiro Lobato passou a vida engajado em companhias para colocar o país no caminho da modernidade. Nascido em Taubaté, interior paulista, no ano de 1882, celebrou-se como o criador do Sítio do Picapau Amarelo, mas sua atuação extrapola o universo da literatura infanto-juvenil, gênero em que foi pioneiro (LOBATO, 2009. p.7)

Monteiro Lobato, um homem determinado, astucioso, crítico e muito rigoroso, falava o que pensava sem pensar nas consequências, tornou-se um artista muito

criticado até hoje. Por ser considerado racista, Monteiro Lobato defende, de modo geral, que suas obras não é racismo e nem torna seus leitores preconceituosos, mas sim, torna pessoas críticas e solidárias a respeito à verdadeira realidade dos brasileiros, Fonseca (2014, p. 6) “Monteiro Lobato por meio de suas argumentações desmascara a realidade brasileira”.

Monteiro Lobato ficou mais conhecido por escrever histórias para crianças, tanto que foi nomeado o pai da literatura brasileira infanto juvenil, Monteiro também escreveu contos para adultos, como por exemplo “Negrinha” (1920), conto este, pretendido ser analisado especificadamente. Uma vez que:

Quem tem notícia, apenas, da obra de Lobato feita para crianças, precisa conhecer o que ele escreveu destinado aos adultos (e aos brasileiros todos, ele que, aflitamente, queria salvar o país) para entender toda a extensão da sua importância na História do Brasil (Zirald, Apud, Medeiros, 2014).

As literaturas de Monteiro Lobato têm como características, situa-se entre os autores regionalistas do Pré-Modernismo e destaca-se nos gêneros conto e fábula. Geralmente, o universo ou cenário retratado pelo escritor são os vilarejos decadentes e as populações do Vale do Paraíba, no momento da crise do plantio do café no período do século XIX. Por meio disso, Monteiro Lobato tinha uma visão mais didática e pratica em relação a educação e aos gêneros contos e fábulas, por meio disso Barbosa fala sobre a narrativas dos livros de Monteiro Lobato:

Os livros com mais fabulação, com um predomínio do caráter ficcional da narrativa, contém também muita informação e elementos didáticos. E os livros com um caráter mais didático também contém um numeroso elemento ficcional, seja sob forma e em modo de ações, seja sob forma e em modos de diálogos (BARBOSA. Apud, Escosteguy, 2010, p3).

Monteiro Lobato foi um contador de histórias, preso ainda a certos modelos realistas. Dono de um estilo cuidadoso, não perdeu a oportunidade para criticar certos hábitos brasileiros, como a cópia de modelos estrangeiros, nossa sobrevivência ao capitalismo internacional. Além do círculo literário, sua ação como intelectual polêmico se estende também ao plano da luta política e social. Moralista e doutrinador, aspirava o progresso material e mental do povo brasileiro.

Com a publicação de “*O Escândalo do Petróleo*” (1936) denuncia o jogo de interesses motivados pela extração do petróleo, nisso muitas vindas e voltas em

relação ao seu envolvimento com o petróleo. Com isso, critica o envolvimento internacional das autoridades brasileiras, publicado em um artigo, em que dizia: “nosso problema não é político, nem racial, nem climático, mas pura e simplesmente econômico” (LOBATO. Apud, Ferreira, 2015.p.5). Em 1941, já durante a ditadura de Vargas, foi condenado a seis meses de detenção, acusado de ataques ao governo. Muitos foram os ataques ao governo brasileiro por não achar o Brasil um país fortemente econômico, por não se interessar por novas fontes de economia, “quem adota a política do ferro e do petróleo não consegue interessar-se por nenhuma outra” (LOBATO, apud, Ferreira, p.5). Então Monteiro Lobato fracassou no seu ramo de empresário por não ter apoio e verba para continuar com seus planos. Muitas foram as polêmicas envolvidas em Lobato, por querer que as empresas brasileiras se envolvesse junto com o governo na economia do país e não com o envolvimento estrangeiro, com isso:

Monteiro Lobato considerava que as diretrizes do Conselho Nacional do Petróleo (criado em julho de 1938) visavam a aniquilar as empresas privadas nacionais que operavam no setor. Impedido de manifestar essa opinião publicamente devido à censura do Estado Novo, enviou uma carta a Getúlio Vargas em maio de 1940, acusando aquele órgão, então presidido pelo general Júlio Caetano Horta Barbosa, de promover uma perseguição sistemática às empresas nacionais, criar embaraços à exploração do subsolo e alimentar secretamente a ideia do monopólio estatal no setor (FERREIRA, 2015.p.6).

Apesar de sua abertura ideológica, do ponto de vista artístico mostrou-se conservador quando começaram a surgir as primeiras manifestações modernistas em São Paulo, como por exemplo, a semana de artes moderna, Monteiro Lobato criticou a “Semana de Arte Moderna de 1922, considerada por ele como “um estrangeirismo”. (FERREIRA, 2015, p3.).

Ficou famoso o seu polêmico artigo intitulado “*Paranoia ou Mistificação?*”, publicado no Jornal *O Estado de São Paulo* em 1917, antes mesmo da Semana de Artes. Nele, Lobato criticou a exposição de pintura expressionista de Anita Malfatti, considerando seu trabalho resultado de uma deformação mental. Teria a pintora se tornado a precursora de tais transformações, não fosse pela crítica ferina de Monteiro Lobato à sua arte, fazendo com que se fechasse, posteriormente, em uma tendência mais comportada (SILVA, 2009, p. 23).

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e em consequência disso fazem uma arte pura, guardando os eternos ritmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. [...] A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos de cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes brilham um instante, as mais das vezes com a luz de escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento. (LOBATO, 2012, Apud, Candido, p. 83 e 84).

Uma das suas obras infantis que fez bastante sucesso foi à saga *Sítio do Picapau Amarelo*, nele Monteiro Lobato queria que as crianças pudessem criar gosto pela leitura, mais principalmente, que elas pudessem “pensar” e “imaginar” viver essas histórias, “Quando Monteiro Lobato pensou no Sítio do Pica pau Amarelo, pensou em um reino de liberdade. Liberdade de ser, de fazer, de ativar, de pensar” (ESCOSTEGUY, 2010, p.2), um material diverso, cheios de imaginação, fantasias e magias, mais também está coberto de ensinamentos e valores, com alguns aspectos da realidade do século XIX e XX, o negro representado, os caipiras e toda uma cultura. Monteiro Lobato amava escrever para criança, tanto que suas obras infantis virou uma data especial até os dias de hoje, comemora-se no dia 18 de abril dia do livro infantil em homenagem a Monteiro Lobato. Como cita Ataíde:

Por ele a criança criará gosto pela leitura, sentirá que o livro não é apenas um instrumento de disciplina, mas um campo maravilhoso para expansão de um mundo interior, reprimindo ou apenas pressentindo. É um livro que estimula a vida, que fecunda a imaginação, que desperta a curiosidade (ATAÍDE, Apud, Escosteguy, 2010, p.2).

Portanto, Monteiro Lobato foi e é muito importante para a cultura e a literatura brasileira, mesmo ele sendo um grande escritor, jornalista, advogado entre outras coisas que ele já foi, ele se dedicou a mostrar a realidade brasileira, entrando em críticas e em brigas políticas e sociais, meio desmotivado em sua caseira empresarial sempre escrevia seus contos e artigos, se dedicando a escrever mais literatura infantil. Monteiro Lobato foi tão importante para os brasileiros que até nos dias de hoje é homenageado.

3.1 O modo de Olhar: Narrador, focalização Narrativa E Discurso em Monteiro Lobato

Monteiro Lobato, escritor, conservador ao mordo tradicional, também teve um estilo mais regional e realista, social do homem do campo nas suas obras, sempre crítico a realidade brasileira, criticava certos hábitos brasileiros como por exemplo o estrangeirismo, nas suas obras sempre mostrou personagens, negros, caipiras, fazendeiros.

Estimulado pelas discussões e baseado nas denúncias dos higienistas sobre a situação sanitária da população rural, Lobato voltou a escrever sobre esse tema, reconhecendo grandes qualidades de resistência e adaptação na população rural e passando a atribuir a indolência do personagem às doenças de que era portador. (FERREIRA, 2015. P. 3).

Nas suas escritas, obteve uma linguagem simples, misturados com elementos de fantasias e realidade muito presente em suas obras infantis. O autor sempre deu importância a cultura nacional em seus textos, colocando ensinamentos diversos como matérias simples escolares, geografia, história e matemática, deixando assim suas obras mais interessantes. Uma linguagem clara e objetiva, Lobato falava o que pensava sem ao menos medi-las, agradando ou não.

Monteiro Lobato era um contador de histórias. Contar história vem de muito tempo, mais antigo que a narrativa do ser humano. Os primeiros pioneiros a estudar a narrativa foram Plantão e Aristóteles. Séculos mais tarde, aparece um pensador e estudioso mais moderno, Walter Benjamin mostra que a narrativa perpassa e transmite por um narrador a vida aleia, onde o narrador observa tudo ao seu redor:

Ela [a narrativa] não está interessada em transmitir “o puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994. Apud, Nascimento, p.20).

Desse modo, o narrador Benjamin foi responsável por reativa a narrativa, onde ele relata e narra as ações e vozes dos personagens que talvez seria difícil de relatar apenas com voz.

Lígia Chippini (1985, p.13) em O foco narrativo, afirma que para o teórico e romancista do século XX, Henry James, o ideal para uma narrativa do narrador é ser

discreto, aponto de mostrar o que deseja de forma equilibrada, dando a entender "que a história se conta a si própria, de referência, alojando-se na mente de uma personagem que faça o papel refletor de suas ideias".

Já no texto discurso da narrativa (1995) de Genette, diz respeito aos estudos acerca da natureza do narrador apresentando três tipos de narradores: o narrador autodiegético, que faz parte direta ou indiretamente, não necessitando de uma mediação exterior. Tendo como personagem secundária.

"Genette (1972) defende que o narrador heterodiegético é "alheio à história" é um narrador ausente, não participante, pois narra a história do outro. Segundo Genette (1972, p. 244), essa terminologia remete a um narrador que "não fazendo parte da história, a narra" como ocorre também na *Ilíada*, com a narração de Homero". (NASCIMENTO. 2015, p.21).

O narrador extradiegético, também responsável em observar, descrever e explicar, esse tipo de narrador não tem acesso aos pensamentos e sentimentos dos personagens. Já em *Negrinha* de Monteiro Lobato, o narrador ainda que observado por lado de fora do conto, os pensamentos, sentimentos e desejo da personagem. Em discurso disso, Beth Brait (1985, p.55) declara que o narrador que está fora da história, "é um recurso antigo e muito eficaz" dependendo da capacidade do escritor.

No conto de *Negrinha* de Monteiro Lobato, a narrativa é tanto extradiegético quanto heterodiegético, onde o narrador pode ter acesso tanto ao físico como psicológica, isso para que possa passar um sentimento de emoção na personagem, dito isso:

O narrador não parece estar inserido na diegese, mas parece envolvido emocionalmente com as personagens da história que narra, porque deixa transparecer os sentimentos da menina por meio do discurso indireto livre. (NASCIMENTO, 2015, p. 21)

Então, percebe-se que *Negrinha* é uma criança órfão, negra e de baixa classe social notavelmente excluída da sociedade pré-moderna do século XX, além de ser maltratada por sua patroa que ficou responsável por ela depois que sua mãe faleceu. Lobato não esconde tal fato em seu conto, apesar disso, o autor apenas mostrar a realidade de muitos negros e mestiços da dificuldade social pós-abolição na época, então "Negrinha era uma pobre órfã de 7 anos. Preta? Não, fusca, mulatinha

escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava [...]” (LOBATO, 2009, p.19).

Em alguns fragmentos no conto, percebe-se que a uma voz narrativa, aproximando o leitor ao personagem, focalizando a narrativa. Segundo Genette esse termo compreende o foco da percepção do narrador.

Como diz Genette (1995, p. 159) “[...] a função da narrativa não é dar uma ordem, formular um desejo, enunciar uma condição, etc., mas simplesmente, contar uma história, logo «relatar» factos (reais ou fictícios) [...]”. Saliente-se, ainda, que a importância da função da narrativa é evidenciar suas características por meio de fatos que estão ligados às personagens. Assim, a narrativa assume o papel principal para ligar os acontecimentos que se passam dentro da história narrada. (REATEQUE, ALVES, 2019, p. 3).

Então, o foco narrativo leva o leitor a compreender a sua posição dentro de uma obra como esse narrador se classifica, direciona-o a entendimentos amplos de cada um deles. O foco narrativo também é importante, porque faz o leitor compreender a obra sobre outro olhar, um olhar mais específico. Sendo assim, o leitor compreende todas as direções para analisar uma narrativa.

Depois desta compreensão, o narrativa de focalização vem dividida em "interna" e "externa", mostrando um aspecto diferenciado em cada uma, a focalização interna pode ser dividida em duas etapas, na qual quase nunca abandona a opinião e o ponto de vista do personagem, são variáveis e múltiplas, dito isso:

(GENETTE, 1995, p. 187); variável, como em *Madame Bovary* de Flaubert em que a personagem focal começa por Charles, depois Emma, depois Charles de novo” (GENETTE, 1995, p. 187- 188), ou seja, o percepção da narrativa se alterna conforme cada personagem (narrador = personagem); por fim, a múltipla onde o mesmo acontecimento pode ser visto várias vezes segundo o ponto de vista de várias personagens. (GENETTE, 1995, p. 188). (NASCIMENTO, 2017, p. 22)

Sabe-se portanto que, o narrador presente em *Negrinha*, é extradiegético e heterodiegético, apresentando a onisciência tradicional realista do romance, onde aprofunda o conhece o profundo dos sentimentos da "pobre alma" de *Negrinha*, revelando a hipocrisia e a maldade de Dona Inácia, que para muitos era uma boa senhora, de quem a pequena menina tinha tanto medo, “[...] excelente senhora, ótima patroa, virtuosa dama, ‘santa’, dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”. (LOBATO, 1959, p. 3).

Na medida em que o leitor for descobrindo as atrocidades e maldades cometidas por Dona Inácia, o leitor também vai se aproximando e simpatizando com a pobre menina órfã. Assim também ocorre com o narrador no qual ele usa palavras irônicas para não julgar diretamente a "patroa", "Santa". O autor usa bastante desses adjetivos.

O discurso utilizado para a narração do conto, é o discurso indireto livre, recurso usado para que o leitor possa conhecer ao máximo o conto Negrinha. É nesse momento de confusão entre a fala do narrador e a personagem, Negrinha expõe seu sentimento, temores e tristeza, descobertas e encantos, no momento em que ela se vê:

[...] e o tempo corria. O relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas – um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar [...]” (LOBATO, 1959, p. 4) / “Brincar! Como seria bom brincar! Refletiu com suas lágrimas” (LOBATO, 1959, p. 8) “Que maravilha! Um cavalo de rodas! E mais.... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que fala papa... que dorme[...]” (LOBATO, 1959, p. 9) / “Acalentara dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer papá e a cerrar os olhos para dormir[...]” (LOBATO, 1959, p. 11).

Essa narrativa provoca uma emoção no leitor, provocando um sentimento de revolta por D. Inácia ser tão cruel com a menina pobre e sem culpa alguma. O mesmo olhar que analisa a maldade de Dona Inácia é o mesmo olhar que analisa Negrinha, porém com perspectivas diferentes, o modo como o narrador apresenta os personagens e como ele vai moldando cada uma delas. É o modo de ver que dá forma para a narrativa.

4 A SITUAÇÃO DO NEGRO NOS SÉCULOS XIX E XX NOS CONTOS DE LOBATO

O negro passou por conflitos de ordem social, tendo como marco inicial a comercialização de africanos que foram arrancados de suas casas para serem vendidos como escravos. Esse ato durou muito tempo, quase quatrocentos anos que marcou profundamente a história do Brasil:

Desde o século XVI, a mão de obra escrava foi usada nas terras portuguesas do Novo Mundo. Inicialmente, escravizou-se o índio, mas os africanos foram, em seguida, introduzidos em grande quantidade por meio do tráfico atlântico, uma atividade comercial lucrativa. Durante o período em que a escravidão perdurou nas Américas, o Brasil foi o destino mais importante dos africanos comercializados pelo tráfico (LIBBY, 1948, p.14).

O negro sofreu muitos castigos físicos, além de serem maltratados verbalmente e injustamente, “daí a inevitável natureza violenta da escravidão” (LIBBY, 1948, p. 11). A comunidade negra sofreu muitos castigos durante a escravidão e pós-abolição, era uma forma de punir que o estado achou, onde a lei é clara dando sentença de morte aqueles que por via social achar uma ameaça. Os africanos escravos sofriam muito para chegar ao seu destino, morriam, ficavam acumulados sem nenhuma higienização, ficavam impostos ao calor e frio, pegavam doenças:

A mercê dos ventos e das tempestades tropicais, que alongavam a viagem além do tempo previsto, e sujeitos a surtos de epidemias, alguns desses navios perdiam grande parte da carga humana. Nesses casos excepcionais, a maioria dos africanos aprisionados morria antes de chegar ao novo mundo (LIBBY, 1948, p. 21).

Passando-se os anos, o comercio escravo era considerado proibido na sociedade e a comunidade negra começa a ter sua própria autonomia pós abolição e construindo aos poucos seu lugar na sociedade. Com isso, vem surgindo o preconceito, “para a elite brasileira”, a comunidade negra era denominada de “caráter bárbaro” e “estado de selvageria” (MATTOS, 2016, p.186)

Então, a elite quer eliminar a todo custo a raça negra do Brasil para “a pureza da raça branca” e a iniciativa de trazer europeus para que esse limpamento acontecesse. Com isso, os negros só tinha uma alternativa, ficar longe ao máximo da classe branca mais isso não foi possível, pois os negros continuaram a trabalhar nas casas de senhores:

Por conta da sua precária condição financeira, eles foram obrigados a residir nas regiões periféricas das cidades, habitando cortiços e pequenas casinhas de aluguel nos bairros afastados do centro paulistano e favelas que surgiam nos morros cariocas (MATTOS, 2016, p.187).

Muitas obras da literatura citam a situação do negro na sociedade durante o século XIX e XX, e nesse contexto Monteiro Lobato inclui-se como grande escritor brasileiro que sempre mostrou a realidade brasileira de forma clara sem medo da opressão. Com isso, ele também mostra a apresentação do negro em suas obras conforme a realidade das condições brasileiras.

Os afro-brasileiros sempre trabalharam nas partes mais pesadas, serviços braçais, e pós-abolição não mudou muito as condições de trabalho. As afrodescendentes continuaram a trabalhar nas casas dos senhores como domésticas ou babás, os homens vendiam jornais nas ruas ou quando conseguiam de forma rara, entravam nas empresas de indústrias, ferrovias, se tornavam até advogados, escritores, músicos, e funcionários públicos. Os negros contribuíram para a formação da cultura brasileira, tanto econômica como política, o negro foi um elemento crucial para a formação do Brasil, serviços prestados de graça durante anos.

Dentre as obras de infantis de Monteiro Lobato que expõem o negro, sua situação e algumas formas de expressões utilizadas para se reportar a eles encontra-se as “histórias de Tia Nastácia”. Tia Nastácia é uma senhora negra que vive em uma fazenda, mora com uma família branca que lhe trata com “fidelidade”, passa maior parte do tempo na cozinha, em pouco tempo livre na varanda ou na sala, Tia Nastácia era a doméstica da casa, na qual era a função das negras escravas, durante o período da escravidão, parte da desqualificação social. Ao longo da obra, o preconceito e o desrespeito de forma brincalhona vem da boca de Emília a boneca de pano que virou humana:

Pois cá comigo - disse Emília- só aturo estas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras - coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto, e não gosto! - Bem se vê que é preta e beijuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe? Todos os viventes têm o mesmo direito à vida, e para mim matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. Facínora! – Emília, Emília! - ralhou Dona Benta. A boneca botou-lhe a língua (p.132) (Lobato. Apud. Lajolo, p. 1)

Com base na leitura, fica nítida a predominância do preconceito racial ao negro. Podendo-se inclusive aqui expor que esse racismo apresentado em “história de Tia Nastácia” é figura recorrente outras obras de Monteiro Lobato.

Tia Nastácia sempre gostava de contar histórias antigas, e ninguém gostava das histórias principalmente Emília que dizia que eram “bobagens de negra velha” (LOJOLO, p.1.), dando a entender que “Lobato subscreve preconceitos etnocêntricos e mesmo racistas” (Vasconcelos. Apud. Lajolo, p.1).

De certo, Tia Nastácia é a personagem viva da injustiça social no Sítio do Pica-Pau Amarelo, no entanto, ela não é a única, pois outro personagem presente é o Tio Barnabé que também é negro, tratado da mesma forma que a cozinheira e que como ele retrata um personagem que representa a escravidão.

Outra obra de Lobato que faz essa representação do racismo e da denúncia social e escravista é o conto Urupês, onde o personagem Zeca Tatu é um homem simples do nordeste e mulato que vai para a cidade grande e encontra diversos desafios, além das injustiças e preconceito, sendo mais uma vítima da omissão do estado. Para Monteiro Lobato, Jeca Tatu, era apenas “funesto parasita da terra”, “seminômade, inadaptável à civilização”:

País de mestiços, onde branco não tem forças para organizar uma Kux-Klan (sic), é país perdido para altos destinos [...] Um dia se fará justiça ao Klux-Klan; tivéssemos aí uma defesa desta ordem, que mantém o negro em seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo jogo do galego, e sempre demolidor porque a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva. (Neiva. Apud. Ribeiro, 2015)

Um conto regionalista de 1918, Urupês, atraiu os leitores para uma leitura simples de cunho social que apresentava um cabroco do nordeste que tenta a vida na cidade grande, onde lá se depara com preconceito e o descaso da sociedade. Com esse conto Lobato tem como objetivo sensibilizar os leitores para o que escrevia, “os textos explosivos, bombásticos, com senso de humor, farpas contra **paredro** o conselheiro de política o, então, estórias com caboclo” (KOSHIYAMA, 2006).

Na quarta edição de Urupês, o autor perde perdão ao personagem:

Perdoa-me, pois, pobre opilado, e crê no que te digo ao ouvido: és tudo isso que eu disse, sem tirar uma vírgula, mas inda és a melhor coisa que há no paz. Os outros, que falam francez, dançam o trango, pitam havanas e, senhores de tudo, te mantem nessa gehnna dolorosa, para que possam a seu salvo viver vida folgada à custa do teu penoso trabalho, esses caro Jéca, tem na alma todas as verminoses que tu só tens no corpo. (Lobato. Apud. Ribeiro, 2015, p.22)

Além de “histórias de Tia Nastácia e Urupês outra obra de Lobato que também mostra discussões de racismo em sua construção é *Caçadas de Pedrinho*” (1933). Apresentam-se essas obras e consequentemente as descobertas de cunho racista em seu conteúdo devido a alguns momentos com Tia Nastácia por meio de algumas palavras consideradas racistas:

[...] ficou embaixo rezando [...] Súbito – Miau! Um horrível miado ressoou no pasto [...] Logo em seguida surgiram de dentro de todas as moitas uma infinidade de caras de onças e jagatiricas e iraras e cachorros-do-mato com olhos ameaçadores e dentuças arreganhadas. Só então a negra se convenceu de que tinha errado [...] Olhou aflita para a escada. Bobagens, escada! As onças também trepariam pelos degraus. Seus olhos esbugalhados procuravam inutilmente a salvação. – Trepe no mastro! – gritou-lhe a Cléu. Sim, era o único jeito – e tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão, pelo mastro de S. Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros. (LOBATO. Apud. Silva, 2016, p.10).

“Negra velha”, “macaca de carvão” e “carne de preta”, são alguns das expressões usados no texto, percebe-se que Tia Nastácia é alvo de ataques e preconceito a todo o momento. Em *Caçadas de Pedrinho* rendeu grandes polêmicas, escritores e educadores permitindo que a história que fosse retirada das escolas do Distrito Federal, pois era considerada estereotipada do negro que se repetem em diversos trechos do livro:

A discussão iniciou-se em 2010, quando o Conselho Nacional de Educação (CNE) acatou a denúncia do professor Antônio Gomes da Costa Neto sobre a existência de expressões racistas relacionadas ao tratamento dispensado à personagem tia Nastácia nessa obra integrante do PNBE de 1998 e do Programa Literatura em Minha Casa (os alunos de escolas públicas receberam a obra individualmente) do PNBE de 2003, distribuída gratuitamente pelo governo (POLÊMICA, 2013; SILVA, 2016, p.7 e 8).

No século vigente, o Supremo Tribunal achou que a história “*Caçadas de Pedrinho*” não era adequada para se trabalhar nas escolas, até que o contrário, foi provado, fazendo com que entendessem que todas as histórias do “Sítio do Pica-Pau Amarelo” são educativas.

Em “*Caçadas de Pedrinho*” o que mais se ver na história é a boneca Emília falar sobre a cor de “tia Nastácia”. Percebe-se também a figura de “tio Barnabé”, o “Saci Pererê” e o “Zé Carneiro” que não é negro mais é excluído da sociedade

brasileira por ser caipira e pobre. A boneca Emília se refere a “Tia Nastácia” pela cor, “– E você, Cléu, que me dá? – Um beijo, Emília. A boneca fez um muxoxo de pouco caso. Depois, voltando-se para tia Nastácia: – E você, pretura? (LOBATO; Apud, SANTOS, 2016, p.37).

Referindo-se ao “Saci Pererê” esse é um personagem negro que vive na mata, que sabe bem histórias populares e de sua descendência, um personagem folclórico que fuma cachimbo e conhecedor da floresta, sua lenda já existente tem origem na região sul do país, por povos indígenas.

Outro personagem negro que vive na fazenda e leva traços de uma vida de luta é o “Tio Barnabé”, velho que trabalha na roça e vive nas propriedades de “Dona Benta”, “ele está sempre fumando seu cachimbo e tem grandes conhecimentos sobre a floresta, o folclore e lendas, como a do saci Pererê”. (SANTOS, 2016, p.5).

Ao ler as narrativas quem compõem o Sítio do Pica-Pau Amarelo, infere-se que os 03 personagens negros são importantes para a construção da história do Sítio, mas, entende-se que o negro é apresentado de forma desigual e racista nas obras, e por consequência a personagem mais mostrada e citada, é Tia Nastácia sendo constante alvo de Emília com palavras ofensivas.

Além das obras já citadas, um importantíssimo trabalho de Monteiro Lobato que ainda encarrega-se de retratar o negro é “Bugio Moqueado” (1920). O conto foi escrito no mesmo ano que “Negrinha”, a obra contém personagens mais mundanos e urbanos, e tem seu foco narrativo voltado para a experiência do personagem.

A estória inicia-se com (personagem principal) depois de ter visitado um rígido fazendeiro no Mato Grosso de má fama, indo conversar com um amigo negro, e por meio dessa conversa consegue descobrir que o tal do fazendeiro matou o amante de sua esposa e estava preparando a carne e essa carne era de um negro.

De início, assemelha-se a trama ou romance com uma história de terror. Os personagens sem saber comiam a carne humana e só quem conseguiu descobrir tal barbaridade foi o irmão da vítima, o “negro José Esteves” dizendo que “seu irmão Leonardo morreu e depois foi moqueado, sim, como um bugio. E comido, dizem” (LOBATO, 2009, p.50).

Dar a entender que o conto é uma história de canibalismo, um caso de antropofagia. As Lendas ou contos são contados pelos antigos historiadores e escritos para serem passadas por gerações. O marido faz com que a sua esposa engula pedaço por pedaço da carne do amante negro, “a carne defumada de uma

espécie de macaco. Para o convidado, comer a carne desse tipo de animal era —o mesmo que comer gente” (LOBATO, 2009, p.49).

Em o “Negro” conto de Lobato, também feito no mesmo ano (1920), que “Negrinha” e “Bugio Moqueado”. O conto reforça o racismo e como o negro é maltratado pela a sociedade:

Primeiramente, nota-se a necessidade tida pelo criador de gado, ao exaltar a atuação de Zé Esteves, em demarcar racialmente as equivalências: um homem negro bom trabalhador valia, não por dois outros trabalhadores, mas por dois brancos (PORCIÚNCULA, 2014, p.19).

Todas as obras de Monteiro Lobato, mostram o comportamento social em relação a raça negra, e o autor usa de toda a sua habilidade na escrita para descrever bem o papel do negro na sociedade brasileira, uma sociedade racista e desigual.

5 ANÁLISE DO CONTO

No enredo, o autor descreve muito bem como a filha da ex-escrava era tratada, mesmo com o fim da escravidão e a chegada das novas ideias modernas, “Negrinha era coagida, maltratada, e torturada das mais cruéis formas possível pela sua patroa, “Dona Inácia”, uma senhora distinta e “boa” vista pela sociedade e pelo vigário, “Excelente senhora, boa patroa”, “Ótima a Dona Inácia” (LOBATO, 2009)”. Sobre o fato, considera-se:

Excelente senhora, a patroa, Gorda, rica, dona do mundo, animadora dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral, dizia o reverendo. Ótima, a Dona Inácia (PLATRÃO & FIORIN, 2007.p. 195)

Negrinha é uma menina órfã, de sete anos, mulata, nascida na senzala, de mãe escrava. Com apenas quatro anos, perde a mãe e passa a viver escondida nos fundos escuros da cozinha da casa de Dona Inácia, deitada em esteiras e trapos sujos e sendo tratada com desprezo por todos. Negrinha vivia escondida na cozinha para não provocar a ira da dona da casa, uma vez que esta, apesar de ser uma boa senhora perante a sociedade, não admitia de modo algum ouvir barulho de criança chorando. Qualquer coisa era motivo para Dona Inácia agredir Negrinha, ou mesmo quando não havia motivo algum, a menina se via rodeada por cocres, pontapés, tapas. As agressões eram um contínuo na vida da pobre órfã. Assim exposto:

Tinha de contentar-se com isso, judiaria miúda, os niqueis da crueldade. Cocres: mão fechada com raiva e nós de dedos que cantam no coco do paciente. Puxões de orelha: o torcido, de despegar a concha (bom! Bom! Bom! Gosto de dar!) e o a duas mãos, o sacudido. A gama inteira dos beliscões: do miudinho, com a ponta da unha, à torcida do umbigo, equivalente ao puxão de orelha. A esfregadela: roda de tapas, cascudos, pontapés e safanões à uma – divertidíssimo! A vara de marmelo, flexível, cortante: para “doer fino” nada melhor! (LOBATO, 2009. p.21)

A crueldade e o descaso por parte de Dona Inácia é visto do início ao fim do conto de Monteiro Lobato. Negrinha uma criança só, órfã, sem armas para se defender, sem ninguém para procurar seus direitos, mau aprendeu a falar e andar, foi coagida a fazer isso, mau passeava pela casa, não podia brincar, ela ao menos sabia

o que era isso, não podia falar nem chorar, teria que ficar imóvel como se fosse apenas um objeto, sem alimentação adequada, dormia em péssimas condições. Negrinha não podia nada, era considerada nada, sem certidão sem nada, era apenas um ser existindo, nem gente parecia ser.

Presa em seus pensamentos, só ouvindo o tic tac do relógio, não podia falar nada que já era um motivo de castigo, se olha-se de outra forma, era um puxão de cabelo, tudo que ela fizesse “Dona Inácia” já achava ótimo uma forma de aliviar seu mau humor, o dia não terminaria bem se ela não castigasse “Negrinha”. Pobre criatura sofria tanto sem ao menos merecer, inocente, o único sentimento que ela conhecia era o medo e a dor. Negrinha não sofria violência e torturas só por “Dona Inácia”, mas também pelo seu próprio povo, uma criada furta o prato de comida de “Negrinha”, ela por sua vez, chama a criada de “peste” nome típico que saia várias vezes da boca de sua senhora, coitada de “Negrinha” ao imagina ela o que iria passar, os olhos de “Dona Inácia” logo brilhou, necessitava de derivativos de distrações. (LOBATO, 2009). E continua:

Negrinha abriu a boca, como o cuco, e fechou os olhos. A patroa, então, com uma colher, tirou da água “pulando” o ovo e zás! na boca da pequena. E antes que urro de dor saísse, suas mãos amordaçaram-na até que o ovo arrefecesse. Negrinha urrou surdamente, pelo nariz. Esperneou. Mas só. Nem os vizinhos chegaram aperceber aquilo (p. 22)

O autor mostra um fim drástico para “Negrinha”. Depois de tanto sofrer e não saber o que era amor e carinho, tratada apenas como bicho e objeto de tortura, “Negrinha” vivenciou um momento lindo e admirável, até mesmo encantador. Brincou com crianças de sua idade, com bonecas de porcelanas, linda, parecia um “anjo” aos olhos da pobre criança, pegava a boneca como se pegava o “menino Jesus” com muita delicadeza. Tal como se verifica em Lobato (2009. p. 23):

- É feita?... – perguntou extasiada. E, dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criaturinha de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-lo

Assustada já não era mais castigada, brincar já não era proibido, sorrir, falar e correr era possível, “Dona Inácia” já não sentia mais vontade de torturar “Negrinha”. Férias de dezembro foi um milagre, deu vida a casa, as sobrinhas de “Dona Inácia”

brincando com aquela pobre criança negra, dias de luz vivido por ela. Mal sabia “Negrinha” que aquelas férias iriam acabar e restaria apenas o vazio dentro de si, ela percebera que tinha “alma” que era bicho, era como todos, mas sem direitos, tal consciência mataria “Negrinha”. Cita Lobato (2009, p. 25):

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de este humano. Cessara de ser coisa – e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!

Segundo o autor “Negrinha” morreu só, largada, sem ninguém, como um “gato sem dono”. “Negrinha” órfã, sem ninguém por ela, morreu mas não foi pelas mãos de “Dona Inácia”, não foi pelos momentos de torturas, mas sim por perceber que tinha “alma” que era gente, por reconhecer que aquele mundo não era pra ela, percebeu do porquê sofria tanto maus tratos, “Negrinha” se sentia outra pessoa, não era mais a mesma, se sentia inteiramente transformada.

Aquela casa já não era mais a mesma, todos sentiam a falta da pobre criança, “Dona Inácia” já não tinha mais quem castigar, ela já não queria mais fazer aquilo. Para todos restou apenas a lembrança, “Uma cômica, na memória das meninas ricas” a qual desfrutou com aquela criança pálida de “trinta quilos mal pesados” dias lindos, “outra de saudade, no nó dos dedos de Dona Inácia”, a boa senhora.

Portanto, Monteiro Lobato foi um autor Pré-modernista bem crítico ao escrever esse conto, mostrando bem os aspectos sociais e a realidade do Brasil, um país que ainda leva consigo os traços do descaso social, e o racismo até os dias de hoje. “Negrinha” é um dos exemplos desses descasos contra a raça negra do Brasil, e a continuidade desse preconceito em pleno século XXI. Mesmo com todos os fatores em defesa dos direitos de todo cidadão, independente de raça, cultura religião, classe social e status econômico, o respeito com a cor da pele, ainda é um fator forte que sempre deve ser lembrado, lutado e conquistado.

5.1 “*Negrinha*” como objeto de denúncia do preconceito racial e da escravidão

O conto *Negrinha* faz uma denúncia ao descaso social, a escravidão continuada mesmo após a abolição da escravatura, além de escancarar o preconceito racial que está presente até hoje na sociedade.

Negrinha uma personagem frágil, que aos 7anos ficou órfã, têm nas lembranças dos poucos anos vividos perto de sua mãe, uma ex- escrava que teve uma vida sempre reprimida por nunca sair da cozinha, momentos inertes, pois era constantemente mantida calada, imóvel para não incomodar a sua patroa Dona Inácia. A patroa por sua vez, foi encarregada de cuidar da criança, mas sem liberdade, como antes não tinha livre-arbítrio como toda outra criança.

Nesse conto de Lobato, Negrinha e a empregada também negra são duas personagens do descaso social, mas a que mais sofre com tudo é Negrinha, que serve apenas para ser um móvel, objeto de enfeite da casa ou até mesmo algo para saciar a cede da patroa, de castiga-a sempre que algo lhe irritar.

O Brasil, onde nasce à personagem Negrinha, foi constituído pelo trabalho escravo do povo africano, deixando notável o preconceito, cooperando para que os senhores de engenho, com finalidade econômica de alcançar mão-de-obra gratuita, preferissem por um projeto vasto e bem planejado de transferência de 20 milhões de negros do continente africano ao Brasil, abordar uma grande empresa de tráfico de mão-de-obra e de amontoamento de capital nas colônias portuguesas.

Os primeiros escravos que abordaram ao território brasileiro, segundo, André (2008, p. 28-29) foram tratados como animais irracionais:

Foram mais de 50 milhões de africanos trazidos ao Brasil, durante os mais de 300 anos de escravidão. Ocorriam viagens originárias principalmente das possessões portuguesas de Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné Bissau [...]. Esses foram os primeiros a terem a nomeação de ‘negros inferiores’. (SILVA, 2016, p.20).

Nesse contexto da história, ser negro significava ser considerado como alguém sem identidade e sem direito algum. Negrinha foi considerada por dona Inácia um objeto sem valor, mais que permanecia na sua casa, por ser considerada uma boa senhora caridosa pela sociedade. No entanto, a patroa na verdade é cruel e gosta de castigar de todas as formas a pobre criança indefesa.

Quando se analisa as características das duas personagens, levando-se em consideração as discursões sociais e raciais é perceptível o quão as duas são diferentes: Dona Inácia= adulta, branca, rica, opressora, gorda, “dona do mundo”, “virtuosa”. Negrinha= criança, pobre, negra, oprimida, magra, “atrofiada”, “peste” (LOBATO, 2009).

Mesmo com o “fim” da escravidão as pessoas não aceitavam a ideia de que os negros podiam fazer parte do mesmo ambiente que eles, e continuavam tratando a raça negra com insignificância, como pessoas que deveriam apenas trabalhar nos campos e nas cozinhas das casas dos brancos, essa questão durou anos:

No cotidiano, as escravas eram exploradas como amas de leite, trabalhavam nas ruas da cidade como negras de ganho e realizavam todas as atividades domésticas, tendo que conviver com o abuso sexual dos seus senhores ou mesmo com a prática forçada da prostituição em alguns casos. (ABRANTES; JUNIOR, 2016, p. 13).

A mulher negra sofria muito no seu dia a dia como doméstica ou ama de leite. Com a mãe de Negrinha a situação não foi diferente, ela era uma criada sem direitos, ficou à mercê das ordens da patroa, e diante de tanto sofrimento, veio a falecer deixando Negrinha órfã muito nova:

Nesse contexto, a mulher podia ser cativa e o marido liberto, o filho nascer ingênuo e a mãe ainda ser escrava, submetendo os filhos ao cativeiro. Enfim, as famílias se compunham de sujeitos livres e escravos que ocasionalmente até podiam ser etnias diferentes. (ABRANTES; JUNIOR, 2016, p.15).

Não se sabe ao certo a existência do pai de negrinha, mais o conto remete que ela seja órfã duas vezes, e sua guarda conforme a lei ficou para a Dona Inácia “boa patroa”.

Mesmo com a abolição da escravidão, Dona Inácia assumiu com a responsabilidade de cuidar da criança, para Cristiano Jacinto (2008), ele “explica que os senhores de escravos não costumam se desfazer dos recém-nascidos”, visto que sempre procuraram obter algum lucro com as crianças.

Os negros não eram considerados de verdade “livres”, eles eram maioria das partes “vigiadas”, até porque eles eram excluídos da sociedade, não eram vistos com bons olhos, os famosos “marginais”, as pessoas tinha medo, repudio, nojo, e

mesmo sabendo que adoravam tê-los por perto para servir de capacho achavam que eles deveriam ser “extintos” do Brasil:

Para a elite brasileira, o negro, por conta do seu “caráter bárbaro” e “estado de selvageria”, era um empecilho à formação de uma nação, pretendida o mais próximo possível da civilização. Portanto, o negro deveria ser excluído da sociedade brasileira, sendo proibido a sua entrada no país (MATTOS, 2016, p.186).

Mesmo libertos os ex-escravos continuaram trabalhando para os senhores donos de fazendas e terras, com péssimas condições de vida, salário baixo ou por troca de alimento e moradia, que foi o caso de Negrinha e sua mãe, outros saiam em busca de uma nova vida, em lugares longe das casas dos brancos, formando cortiços ou favelas:

A exclusão racial não aconteceu apenas no âmbito do trabalho. Pode-se notar também que os negros foram excluídos geograficamente. Por conta da sua precária condição financeira, eles foram obrigados a residir nas regiões periféricas das cidades, habitando cortiços e pequenas casinhas de aluguel nos bairros afastados do centro paulistanos ou favelas que surgiram nos morros cariocas. (MATTOS 2016, p.187).

Muitos países acabaram com a abolição, e o Brasil foi o único país escravista do continente americano, gerando assim, conflitos para efetivar a abolição. De um lado os donos de fazendas e escravos que não aceitavam as ideias absolutistas e do outro, pessoas dispostas a libertar e dar a liberdade a todos os escravos negros.

Antes, os escravos viviam uma vida muito difícil, cheia de muita violência física e psicológica, tornando-os vítimas da própria escravidão. Os escravos eram arrancados de suas comunidades na África e vendidos por preço barato pelos próprios irmãos de cor, ou seja, o negro que vendeu o negro para o branco, portanto o negro já havia sido escravizado durante anos pelos próprios negros. Durante toda a trajetória naval, os europeus trouxeram os africanos escravos para o Brasil, em péssimas condições, poucos negros sobreviviam e só os fortes conseguiam chegar ao ponto. Vinham para trabalhar nas fazendas, nas plantações ou na casa grande:

A mercê dos ventos e das tempestades tropicais, que alongavam a viagem além do tempo previsto, e sujeitos a surtos de epidemias, alguns desses navios perdiam grande parte de sua carga humana. Nesses casos excepcionais, a maioria dos africanos aprisionados morria antes de chegar ao Novo Mundo. (LIBBY, 1948, p.21).

Rumo ao um Brasil mais justo, o movimento abolicionista liderava a causa de um país igualitário, sem escravidão e igualdade, caso este totalmente o oposto de todas as idealizações. Não foi fácil chegar em um consenso, muitos eram os obstáculos, mesmo sabendo que aos poucos países vizinhos conseguiram a abolição, já no Brasil, ainda enfrentavam a resistência de muitos burgueses que não queriam se desfazer de seus escravos, e muito menos conviver com eles em comunidade, aderindo assim vários preconceitos.

Por meio do conto *Negrinha*, Monteiro Lobato permite que o leitor perceba os traços da história e cultura afro-brasileira no decorrer desse período que caracterizou a abolição da escravatura. Negrinha é só mais uma de muitos personagens negros que teve que carregar o peso de uma cor tão desvalorizada pela sociedade.

Depois de muitos conflitos, enfim o Brasil se tornou um país sem escravos, onde os escravos poderiam ser livres, depois de quase 400 anos de escravidão. Depois dessa conquista o Brasil foi tomado por uma onda de comemorações, festejavam a abolição dos negros e a entrada do país para a lista das nações civilizadas.

5.2 Análise do Comportamento Social em Relação a Escravidão por meio dos personagens do Conto “Negrinha” de Monteiro Lobato

A sociedade brasileira não aceitou muito bem a ideia de que os negros seriam libertos, os receberam mal, com muito preconceito racial e desigualdade social, pois não viram a comunidade negra com bons olhos. Os donos de fazendas indignados recusaram a possibilidade de esse evento acontecer, queriam a todo custo um reembolso pelo prejuízo que iriam ter pela libertação dos escravos.

Nesse contexto Lobato elucida por meio da personagem Negrinha a imagem do negro oprimido que carrega a herança da escravidão e das profundas marcas que ela deixou. Quando os negros foram libertados não tiveram nenhum amparo social: direitos aos estudos, trabalho ou muito menos moradia.

A tortura e o sofrimento é bem presente no conto de uma forma tão próxima da realidade e muito dolorosa, onde o leitor percebe e se revolta por tanta crueldade. A vida de negrinha foi roubada por uma sociedade incompreensiva, onde os negros viviam como objetos e não pessoas, descartados quando fosse preciso, onde o

preconceito e o ódio eram estampados nos rostos dos brancos, onde o negro, gente como a gente, de carne osso, só teria direito ao pouco alimento que lhe davam, as roupas farroupilhas e nenhum direito de optar ou abitar em qualquer coisa ou lugar em que um branco poderia estar. Conforme Matos e Nunes (1996, p14), “os negros trabalhavam com carga horária de 14 horas diárias, poucos sobreviviam a mais de 5 anos, a vida deles era mais cruel que a vida nas embarcações marítimas”.

Uma criança sem infância, sem sentir o prazer de ser livre e brincar, sem conhecer as coisas que para qualquer outra pessoa seria simples, ela nem ao menos sabia falar, mau andar, não podia se quer se movimentar de ser criança, não teve tempo de sonhar, era um ser abandonado, um “gato sem dono”. Negrinha só sabia as poucas palavras a que Dona Inácia a chamava: “macaca”, “peste”, “pretinha”, entre outros.

Negrinha é um conto em que denuncia as dificuldades sociais e políticas da época da escravidão. Negrinha é descrita, no início do conto, pelos seus olhos assustados, oprimidos, pois a criança servia para os serviços da casa como um “saco de pancada”, um elemento para diminuir os conflitos, divertir e, para a senhora D.Inácia, relembrar o período da escravidão, aliviar a saudade, por isso conservava a menina como um remédio. Mostrando como a menina era castigada com frequência.

O negro no século XIV, não podia se casar com brancos, era proibido na época da escravidão e até o século XX, ainda existia uma barreira entre as duas raças, percebem-se o medo do negro em relação ao branco, por ser diferente fisicamente, e até mesmo a rejeição da própria raça por serem diminuídos pela sociedade:

Mayotte ama um branco do qual aceita tudo. Ele é o seu senhor. Dele ela não reclamava nada, não exige nada, senão um pouco de brancura na vida. E quando, perguntando-se se ele é bonito ou feio, responde: “Tudo que eu sei é que tinha olhos azuis, que tinha os cabelos louros, a pele clara e que eu o amava – é fácil perceber, se colocarmos os termos nos seus devidos lugares, que podemos obter mais ou menos o seguinte: “Eu o amava porque ele tinha os olhos azuis, os cabelos loiros e a pele clara”. E nós, que somos das Antilhas, sabemos suficientemente, é o que por lá se repete, que o preto tem medo dos olhos azuis. (FANON, 2008, p.54).

A ingenuidade das crianças está presente no conto. A pureza, a bondade e a sinceridade de uma criança faz deixar um dia mágico. Negrinha acorda quando encontra as sobrinhas de Dona Inácia, e a chama para brincar com elas. “Pegue!”, “Negrinha olhou para os lados, resabiada, com o coração aos pinotes. Que aventura, santo Deus!”, “- Vão todas brincar no jardim, e vá você também, mas veja lá, hein?”.

A bondade sorriu uma vez para aquela pobre criatura que nada sabia até esse dia (LOBATO, 2009).

Na realidade Dona Inácia é racista e preconceituosa, e não como a sociedade a via, “boa e caridosa”. Essa personagem é a representação de uma sociedade imergida nos ideias racistas e discriminatórios, que aboliaram por colocar à margem as pessoas, privando-os dos direitos básicos de todo cidadão, de outro lado está a personagem Dona Inácia, mulher que representa a resistência de uma sociedade que não se conformava com a nova realidade advinda com o fim da escravidão. (LIMA, FERREIRA, SILVA, 2016, p.6).

A pobre criança não teve direito a nada, não foi dignar nem de um nome, a ela foram dados nomes pejorativos, apelidos que a ofendiam direta e indiretamente, e Negrinha foi um nome que a diminuía de certa forma, dessa forma:

Negrinha não é apenas uma simples menina negra, mas é a representação de uma classe, de um povo que foi terrivelmente submetido à escravidão e que estava vivendo um momento de liberdade, mas também de adaptação junto à sociedade. (LIMA, FERREIRA, SILVA, 2016, p.6).

Negrinha representa um povo da raça negra que sofre bastante o racismo e o preconceito por pessoas da classe burguesa, que se acham a dona da razão. Esse não é um problema do século XIX ou XX, mas sim um problema social na atualidade onde muitos não aceitam de forma clara e legível a sociedade negra no Brasil. Essa é uma questão que sempre vão fazer justiça, o direito igualitário a todos, seja ela qual for à raça ou classe social. Muito foram as dezenas de vidas expostas a essa raiva doentia de pessoas dona de si, que sofreram desde sua chegada ao país, e muito antes de chegar, e até hoje sofrem com essa raiva de achar que o negro não tem vez, voz ou lugar, pelo contrário, eles conquistaram cada pedaço do Brasil, além de fazer rica em cultura a terra de entanto mil. Segundo Abdios Nascimento (1996):

Se usamos as expressões raça, racismo, é, evidentemente, conforme o entendimento informal, popular (...). Convém acentuar, entretanto, que o tabu, redigiu a palavra raça, jamais impediu e jamais impedirá que exerçamos os atos ditados pelo nosso sentimento de responsabilidade para com o futuro do negro no Brasil. (NASCIMENTO. Apud. Silva; Lima, 2019, p119).

Com o exposto, entende-se que o racismo e o preconceito estão longe de acabar. Negrinha foi apenas um dos milhares personagens que denuncia esses

comportamentos banais para a sociedade brasileira, é uma luta de todos que está longe de acabar, mais se deve expor para que todos tenham consciência de que preconceito e racismo é um problema social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a elaboração da presente monografia foi possível compreender o Pré-modernismo e como ocorreu o processo e como a modernidade surgiu para quebra enigmas tradicionais. Percebe-se que o Pré-Modernismo brasileiro é um período de transição abordado dentro do texto da transformação da personagem, uma identidade real que é a representatividade do negro na sociedade contemporânea, lutando e tentando ser reconhecido um espaço na sociedade.

Negrinha é um conto que mostra todas as negligências perante a sociedade e ao negro, evidenciando o quanto negro era desvalorizado até quando não existia mais a escravidão, o quanto sofreram durante o comércio escravo, e depois da escravidão, rebatendo como a sociedade virou as costas para a comunidade negra, excluindo-os de tudo.

Nesse sentido, ver uma personagem negra tão pequena representar tantas vidas massacradas, um ser inocente que teve sua vida privada de tantas alegrias, coisas simples, um olhar tímido, um anjo assustado com a crueldade humana de uma pessoa tão venerada pela sociedade como uma senhora “bondosa”, mas que no fim a maltratava como se fosse um “bicho”, ou até mesmo um “objeto” para saciar seus desejos.

O conto denuncia esses fatores de violência e preconceito com os negros, mas também abre uma questão que parece não ter fim, o racismo e a desigualdade social. Autores modernistas do século XX, como Lobato, contribuíram para que casos assim não fossem calados ou censurados, e o intuito deste trabalho é que essa denúncia social e racial seja contínua, fazendo com que outros pesquisadores se inspirem em continuar a questionar sobre a desigualdade da sociedade perante os negros e até mesmo os menos favoráveis aos olhos da sociedade.

Portanto, Monteiro Lobato escreveu o conto com o intuito de demonstrar como a sociedade portar-se perante os considerados marginalizados, a realidade em que a exclusão social era submetida naquela época, e de fato não de estranheza a exclusão social no século XXI, como o preconceito e a desigualdade vem crescendo cada dia mais. Lobato relata em seu conto acontecimentos reais ocorridos no século XX, demonstrando a discriminação racial na sociedade brasileira.

Em suma, com a construção do presente trabalho monográfico foi possível inferir que o conto *Negrinha* é um conto de extrema valia para a quebra do preconceito

racial em nossa sociedade, é um conto que aborda fatores sociais, permitindo assim que o leitor reflita que na sociedade não existem pessoas indiferentes dos outros e sim pessoas com suas próprias características e que de fato que todos somos iguais , que cor de pele não significa ser melhor que a outra e sim uma identificação pessoal de cada pessoa possa ter, então nota-se aqui que o conto é atemporal que trata da luta contra o preconceito racial e social que existe no mundo e principalmente na nossa sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AMANDA, Fonseca, 2014, **Estudo crítico sobre o Pré- modernismo em livros didáticos usados no ensino médio de Brasília.** http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9790/1/2014_AmandaAlvesFonseca.pdf Acessado em: 3 de jul. de 2019.

ABRANTES, SOUSA ELIZABERTH, BARROSO JUNIOR, REINALDO DOS SANTOS- **O MARANHÃO E A ESCRAVIDÃO MODERNA** – SÃO LUÍS: EDUEMA, 2016.

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya, 2010, **A VIOLÊNCIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA,** <file:///C:/Users/PC/Desktop/A%20viol%C3%A2ncia%20na%20sociedade%20contempor%C3%A2nea.pdf> acessado em 17 de junh. De 2020.

ARAUJO, Jean Marcel Oliveira, 2012, **O PRÉ-MODERNISMO: A LUTA ENTRE PASSADISTAS, MODERNOS E MODERNISTAS NO CAMPO ARTÍSTICO BRASILEIRO** acessado em 12 de março de 2020.

BARBOSA, MRJ, **A influência das teorias racias na sociedade brasileira (1870-1930) e a materialização da lei nº 10.639/03.** http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_ufpr_ped_artigo_tania_mara_pacifico.pdf Acessado em: 13 de jun. de 2019.

BIGNOTTO, Cilza, 2007, **Monteiro Lobato em construção,** <file:///C:/Users/PC/Desktop/cilza01Lobato.pdf> acessado em 14 de abril de 2020.

BOSI, Alfredo, 1936, **História concisa da literatura brasileira/** Alfredo Bosi- 51 ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

BUENO, Luís, 2004, **NAÇÃO, NAÇÕES: OS MODERNISTAS E A GERAÇÃO DE 30** file:///C:/Users/PC/Desktop/NACAO_NACOES_OS_MODERNISTAS_E_A_GERACAO_DE_30.pdf acessado em 15 de julh. de 2020.

CARDOSO, Rafael, 2015, **MODERNISMO E CONTEXTO POLÍTICO: A RECEPÇÃO DA ARTE MODERNA NO CORREIO DA MANHÃ (1924-1937),** <file:///C:/Users/PC/Desktop/2316-9141-rh-172-00335.pdf> acessado em 13 de julh. de 2020.

CANDIDO, Antonio, 1999, **Iniciação à Literatura Brasileira** – 3ª ed- <file:///C:/Users/PC/Desktop/Inicia%EF%BF%BD%EF%BF%BD%20-%20Literatura%20Brasileira%20-%20Antonio%20Candido.pdf> acessado em 13 de maio de 2020.

CARVALHAL, DANIEL VALENTIN, 2013, **COGUMELOS PARASITÁRIOS: VISÕES DO CABOCLO E DO REGIONALISMO EM URUPÊS, DE MONTEIRO LOBATO(1918),**

ile:///C:/Users/PC/Desktop/COGUMELOS%20PARASITARIOS%20VISOES%20DO%20CABOCLO%20E%20DO%20REGIONALIS acessado em 6 de julh. de 2020.

ESCOSTEGUY, Cléa Coitinho, **Literatura de Monteiro Lobato** file:///C:/Users/PC/Desktop/Literatura_de_Monteiro_Lobato.pdf acessado em 14 de jun. de 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes, **LOBATO, MONTEIRO *jornalista e escritor**, file:///C:/Users/PC/Desktop/LOBATO,%20Monteiro.pdf acessado em 29 de jun. de 2020.

FIORIN, José Luiz, **Para entender o texto: leitura e redação/** José Luiz fiorin, Francisco Platão Savioli. – 17. Ed. – São Paulo: atica, 2007. 432p. : il. – (Ática Universidade)

FANON, FRANTZ, 2008, **PELE NEGRA, MASCARA BRANCA**. SALVADOR; EDUFBA, 2008.

IESDE Brasil S.a./ Pré-vestibular/IESDE Brasil S.A- Curitiba: IESDE Brasil S.A,2008. [Livro do Professor]360p. <http://www.vestibuldauerj.com.br/wp-content/uploads/2014/04/Pr%C3%A9-Modernismo.pdf> Acessado em: 16 de maio de 2019.

LAJOLO, Marisa, **A figura do negro em Monteiro Lobato**, file:///C:/Users/PC/Desktop/lobatonegros.pdf acessado em 13 de maio de 2020.

LIBBY, Bouglas Cole, 1948- **A escravidão no Brasil: relações sociais acordos e conflitos/** Douglas Cole Libby, Eduardo França Paiva. – 2. Ed. – São Paulo: moderna, 2005. – (coleção polêmica)

LIMA Maria Ismênia, FERREIRA Jailma da Costa, SILVA Maria do Carmo Gomes, 2016, **INFÂNCIA E PRECONCEITO EM NEGRINHA, DE MONTEIRO LOBATO**, file:///C:/Users/PC/Desktop/TRABALHO_EV060_MD1_SA8_ID53_23102016175359%20(1).pdf, acessado em 13 de maio de 2020.

LOBATO, Monteiro, 1882-1946. **Negrinha/Monteiro Lobato**. – 2 ed. – São Paulo: Globo, 2009.

MARIA, JAILMA, MARIA DO CARMO, 2016, **INFÂNCIA E PRECONCEITO EM NEGRINHA, DE MONTEIRO LOBATO**. https://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA8_ID53_23102016175359.pdf acessado em: 6 de jun. de 2019.

MATTOS, REGIANE AUGUSTO DE, **HISTÓRIA E CULTURA AFRO- BRASILEIRA** – 2. ED. 5ª REIMPRESSÃO. –SÃO PAULO: CONTEXTO, 2016.

MELO NETO, João Cabral de, 2016, **Morte e vida Severina** — 1a ed. — Rio de Janeiro Alfaguara, 2016. file:///C:/Users/PC/Desktop/28000398%20capitulo%202.1.pdf acessado em 14 de out. de 2020.

NASCIMENTO, Evando, 2015, **A Semana de Arte Moderna de 1922 e o Modernismo Brasileiro: atualização cultural e “primitivismo” artístico** file:///C:/Users/PC/Desktop/33354-111602-1-PB.pdf acessado em 15 de julh. de 2020.

NASCIMENTO, Andressa Do, 2017, **A PRESENÇA DO NEGRO NOS CONTOS “NEGRINHA” e “BUGIO MOQUEADO”, DE MONTEIRO LOBATO: (re) significando olhares** file:///C:/Users/PC/Desktop/000885604%20(1).pdf acessado em 17 de julh. de 2020.

NETO, Antônio Gomes da Costa, 2015, **A DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO ATRAVÉS DE MONTEIRO LOBATO: UMA ANÁLISE DO CASO “CAÇADAS DE PEDRINHO”** file:///C:/Users/PC/Desktop/cacadas%20de%20pedrinho%202.pdf acessado em 6 de julh. de 2020.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Martins, 2012, **BREVE PANORAMA DO MODERNISMO NO BRASIL – REVISITANDO MÁRIO E OSWALD DE ANDRADE** file:///C:/Users/PC/Desktop/6493-26363-2-PB%20(1).pdf acessado em 14 de julh. de 2020.

Porciúncula, Rafael Fúculo, 2014, **AS IDEIAS RACIAIS NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO: FICÇÃO E NÃO FICÇÃO**, file:///C:/Users/PC/Desktop/todas%20as%20obras%20de%20monteiro%20lobato%20referente%20ao%20negro.pdf acessado em 6 de julh. de 2020.

REATEQUE, Telcilan de Oliveira, ALVES, Elis Regina Fernandes, 2019, **A caracterização de narrador e foco narrativo nos contos Os assassinos (Ernest Hemingway e Bar (Ivan Ângelo)** file:///C:/Users/PC/Desktop/TCC-Letras-2019-Arquivo.015%20(1)%20(1).pdf acessado em 11 de jun. de 2020.

SÉCULO XX: PRÉ-MODERNISMO, MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO, file:///C:/Users/PC/Desktop/S%C3%A9culo-XX-O-pr%C3%A9-modernismo%202.pdf acessado em 12 de março de 2020.

SILVA, Jussaramar da, MORO, Nataniél Dal, MARCONDES, Ricardo Correia, 2008, **Monteiro Lobato e um Brasil por ser construído (ou reproduzido?)**, file:///C:/Users/PC/Desktop/7_monteiro_lobato.pdf acessado em: 22 de julh. de 2020.

SILVA, ANAÍDES MARIA DA, 2010, **O Eu de Augusto dos Anjos (1912): algumas relações entre literatura e ciência**, file:///C:/Users/PC/Desktop/cp145069%20capitulo%202.1.pdf acessado em 14 de out. de 2020.

SILVA, Ivaneide Lemos Vasconcelos, NEGRINHA, 20'6, **CAÇADAS DE PEDRINHO E CARTAS DE LOBATO: UMA INVESTIGAÇÃO DO RACISMO SOB A ÓTICA DA ACD**, file:///C:/Users/PC/Desktop/NEGRINHA1.pdf acessado em 13 de maio de 2020.

SILVA, ELISÂNGELA MONTEIRO DA, 2016, **EM PRETO E BRANCO: Caçadas de Pedrinho, de Monteiro Lobato, é uma obra infantil de ficção ou um texto racista?**, file:///C:/Users/PC/Desktop/cacadas%20de%20pedrinho%201.pdf acessado em 6 de julh. de 2020.

SIQUEIRA, PAULO VICTOR, **BREVIDADE DA VIDA EM URUPÊS DE MONTEIRO LOBATO** file:///C:/Users/PC/Desktop/1%20urupes.pdf acessado em 6 de julh.de 2020.

SOUZA, Gleiton Candido de, **AS PARTICULARIDADES NA ADAPTAÇÃO DO CONTO “BUGIO MOQUEADO” DE MONTEIRO LOBATO NA SÉRIE “CONTOS DA MEIANOITE”, UMA FORMA DIFERENTE DE ADAPTAR**, file:///C:/Users/PC/Desktop/bugios%20moqueado%201.pdf acessado em 6 de julh. de 2020.

TÂNIA MARIA, Pacífico, **A IMPLANTAÇÃO DA LEI No 10639/03, MODIFICADA PELA LEI Nº 11645/08, EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL, NO ENSINO FUNDAMENTAL, NA CIDADE DE CURITIBA, PARANÁ.** http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_ufpr_ped_artigo_tania_mara_pacifico.pdf Acessado em: 13 de jun. de 2019.

VOLACO, GUSTAVO CAPOBIANCO, 2010, **VIVER OU SECAR? A TENSÃO EM VIDAS SECAS** file:///C:/Users/PC/Desktop/dissertac..%202.1.pdf acessado em 14 de out. de 2020.